A VERDADE SOBRE A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO
E A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO NA URSS

Iúri Poliakov

A guerra civil na Rússia

causas, essência, e significado

A VERDADE SOBRE A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO E A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO NA URSS

A tentativa de esmagar, por meios militares, o Estado dos operários e camponeses, liquidar as conquistas da Revolução de Outubro saldou-se por um fracasso total. A vitória na guerra civil despertou nas grandes massas a consciência da sua força, a certeza na profunda justeza da sua causa — o socialismo, pelo qual se haviam tão durar batido nessa luta.

Iúri Poliakov

A guerra civil na Rússia

causas, essência, e significado

(sob a redacção do académico I. Minz)

Edições da Agência de Imprensa Nóvosti

Edições Progresso
Moscovo, 1981

Юрий Поляков
ГРАЖДАНСКАЯ ВОЙНА В РОССИИ:
ПРИЧИНЫ, СУЩНОСТЬ, ЗНАЧЕНИЕ
Цена 35 коп.

10604
0505030102

© Edições da Agência de Imprensa Nóvosti, 1981
© Edições Progresso, 1981

Uma guerra dura, destruidora e sangrenta foi travada na Rússia durante três anos — de 1918 a 1920 (nalgumas regiões, mesmo mais tempo). Durante esses três anos, as linhas da frente deslocaram-se por quase todo o território do país — do mar Báltico ao Pacífico, do mar Branco ao mar Negro, da tundra da região transpolar e da taigá siberiana às montanhas e aos desertos da Ásia Central.

A guerra provocou colossais devastações. As forças produtivas do país foram destruídas. Foi também enorme o número de perdas humanas.

Muito tempo decorreu desde então. Todavia, o interesse pelos acontecimentos dramáticos desses anos permanece vivo. Os homens querem saber como e porque começou aquela guerra e quem foi responsável pelo seu surgimento, o seu carácter prolongado e encarniçado.

Há seis decénios que escritores, historiadores e jornalistas de muitos países vêm examinando este tema. Foram escritos montes de livros, brochuras e artigos e expostos os mais diversos pontos de vista (por vezes, diametralmente opostos). Infelizmente, nos países da Europa Ocidental e nos EUA predominam opiniões tendenciosas em relação às

causas e ao carácter da guerra civil na Rússia. Entretanto, a ciência histórica acumulou numerosos factos que permitem abordar com bastante precisão os acontecimentos ocorridos no final do segundo decénio do nosso século, numa sexta parte do globo terrestre.

1. PORQUE COMEÇOU A GUERRA CIVIL NA RÚSSIA?

Revolução de Outubro

No Outono de 1917, na Rússia tem lugar uma revolução socialista.

Nos anos 20, 30 e 40, escreveu-se muito, no Ocidente, que a Revolução de Outubro havia sido um fenómeno casual, provocado pela trágica coincidência de uma série de circunstâncias. Houve quem afirmasse que a Revolução havia sido provocada pelos erros de diversas personalidades e pela actividade dum pequeno grupo de conspiradores bolcheviques chefiado por Lénine. Explicações deste tipo figuram ainda hoje em muitos compêndios escolares e livros de divulgação. Todavia, os partidários desta teoria quase não figuram entre os historiadores e jornalistas mais sérios. Hoje é praticamente impossível negar que a Revolução de Outubro foi uma necessidade histórica inevitável, nela tendo participado activamente dezenas de milhões de pessoas.

Três revoluções populares (1905-1907, Fevereiro-Março de 1917 e Outubro de 1917) ocorreram na Rússia, num período de apenas 12 anos; não será isto, só por si, uma prova da legitimidade histórica das transformações revolucionárias?

Na Rússia pré-revolucionária, as gravíssimas contradições da etapa monopolista do capitalismo (em

que o país acabara então de entrar) entrelaçavam-se com as contradições do regime feudal. Tendo alcançado, por volta de 1917, um nível médio de desenvolvimento capitalista, a Rússia conservava ao mesmo tempo muitos vestígios de relações atrasadas, medievais, que agravavam ainda mais a vida do seu povo.

Por isso, a maioria da população manifestava-se pela renovação revolucionária da sociedade.

A classe operária (cerca de 15% da população) era impiedosamente explorada, encontrando-se privada de direitos políticos. A sua decisão de travar uma luta revolucionária era provada por numerosas manifestações de massa, cuja intensidade crescia de ano para ano.

O campesinato (cerca de 70% da população, incluindo os artesãos) sofria de aguda falta de terra — 10,5 milhões de explorações camponesas tinham na sua posse a mesma quantidade de terra que apenas 30 mil latifundiários! A prolongada luta dos camponeses pela terra era praticamente ininterrupta, transformando-se em grandes manifestações antilatifundiárias e antigovernamentais. Ao mesmo tempo, no campo, fortaleciam-se as relações capitalistas, crescia a burguesia rural (os «kulaks»), que explorava os camponeses pobres. O campesinato incorporava-se cada vez mais energicamente na luta não só contra os latifundiários como também contra toda a burguesia rural.

A Rússia era um país multinacional. Quase metade da sua população era constituída por povos e nacionalidades não-russos ou, como então lhes chamavam, «alógenos». Neste caso, a desigualdade social era agravada pela desigualdade nacional; e o jugo económico pelo jugo psicológico-moral. A luta destes povos pela igualdade e dignidade nacionais

somava-se à luta pela libertação social. Todos os povos da Rússia apoiavam por isso activamente o proletariado russo cujos objectivos compreendiam perfeitamente.

A Primeira Grande Guerra, iniciada em 1914, travada por razões e objectivos alheios ao povo (guerra agressiva e imperialista, tanto para a Inglaterra, França, Rússia e EUA como para a Alemanha, Áustria-Hungria e Turquia), provocou o enorme descontentamento da esmagadora maioria do povo, gerando uma aspiração em massa à paz (sobretudo entre os soldados). A guerra agravou e trouxe ao de cima todas as contradições do velho regime.

O derrube da autocracia, em consequência da revolução de Fevereiro-Março de 1917, a abdicação do último czar da Rússia, Nicolai II, e a chegada ao poder dum Governo Provisório burguês não resolveram os problemas candentes do país.

A guerra não só prosseguiu, como o seu peso se foi mesmo progressivamente agravando. O Governo Provisório recusou-se a entregar terra aos camponeses. Não se fez nada para aliviar a situação dos operários; mas a burguesia obteve novos privilégios e direitos. Não foi resolvido o problema nacional: milhões de trabalhadores não-russos continuaram privados de direitos. O movimento popular continuou por isso a crescer, em 1917, com um ímpeto extraordinário. Todas as suas correntes, traduzidas no descontentamento em massa pela guerra, na luta popular pelos direitos e as liberdades democráticos, na luta dos camponeses pela terra, na luta dos povos oprimidos pela igualdade de direitos e na luta da classe operária contra o capitalismo, iam-se unindo, sob a bandeira da revolução socialista, pois só ela poderia resolver as contradições levadas ao rubro.

Em 1917, Lénine e os bolcheviques pronunciavam-se pela via pacífica de desenvolvimento da revolução. Esperavam — e tinham razão para essas esperanças — realizar as transformações progressistas e transferir o poder para o povo através do sistema dos Sovietes, que expressavam os interesses populares.

A vida veio, contudo, a provar que a burguesia e os latifundiários (que se haviam sucedido ao czar no poder) não estavam de modo nenhum dispostos a entregar o Governo do país. Frustravam todas e quaisquer iniciativas que visassem satisfazer os interesses populares, recusando-se a transferir o poder para os Sovietes, embora a palavra de ordem «Todo o Poder aos Sovietes» fosse apoiada em toda a parte. Recusavam-se a entregar terra aos camponeses, contra os quais enviavam unidades militares punitivas. Recusavam-se a introduzir o controlo operário na produção — esmagando greves, decretando «lock-outs» e desorganizando a economia. Negavam, como no regime czarista, a igualdade de direitos aos povos não-russos, mantendo o velho aparelho colonial.

A nobreza e a burguesia russas não manifestaram realismo nem flexibilidade. Os seus líderes políticos, tal como os dirigentes dos partidos pequeno-burgueses, revelaram uma total falta de compreensão da correlação das forças de classe existente na altura, uma cega adesão ao velho regime, mantendo a fé na firmeza do regime burguês. Por isso, o poder antipopular na Rússia foi derrubado por uma insurreição armada.

No dia 25 de Outubro (7 de Novembro pelo novo calendário), o II Congresso dos Sovietes da Rússia, porta-voz da vontade da esmagadora maioria dos trabalhadores do país, legalizava a vitória da Revolução, proclamando o estabelecimento do Po-

der Soviético. O povo, que realizara a Revolução, iniciou com entusiasmo a construção duma nova vida.

Os exploradores criaram a sua máquina de Estado ao longo dos séculos para manter os trabalhadores na obediência. O exército, a polícia e os órgãos judiciais e do poder em geral estavam ao serviço das camadas populacionais dominantes na Rússia até 1917 — a nobreza e a burguesia.

Esta máquina de Estado foi destruída, no mínimo prazo possível, e substituída, no centro e no interior, por órgãos democráticos e populares de poder — os Sovietes de Deputados Operários, Camponeses e Soldados.

No campo, os camponeses elegeram Sovietes rurais. Os operários, empregados e soldados elegeram, nas respectivas empresas, instituições e unidades militares, os seus deputados aos Sovietes urbanos. Convocavam-se congressos dos Sovietes, inclusive a nível nacional. Toda a população trabalhadora participava nas eleições para os órgãos do poder locais e centrais.

Em Novembro de 1917, o Governo Soviético (Conselho dos Comissários do Povo) decretou o controlo operário em todas as empresas. Seguidamente, o Estado Soviético procedeu à nacionalização de algumas empresas. Logo em 1 de Junho de 1918, mais de 500 grandes empresas haviam sido retiradas aos capitalistas. No dia 28 de Junho, V. Lénine assinou um decreto do Conselho dos Comissários do Povo ordenando a nacionalização geral da grande indústria, da banca e dos transportes.

Nas empresas nacionalizadas foram criados corpos administrativos constituídos por operários, representantes dos sindicatos e pessoal técnico.

A Revolução de Outubro resolveu radicalmente o problema agrário, retirando a terra aos latifundiá-

rios e entregando-a aos camponeses pobres e médios. De acordo com o Decreto da Terra, os camponeses obtiveram gratuitamente para cima de 150 milhões de dessiatinas de terra outrora pertencente aos latifundiários, à família real e aos mosteiros.

Deixou de existir a velha Rússia a que, com toda a razão, se chamava «prisão de povos». Com a «Declaração dos Direitos dos Povos da Rússia», o Poder Soviético outorgou completa igualdade de direitos a todos os povos do país. Os operários e camponeses dos pequenos e grandes povos da Rússia iniciaram a formação de repúblicas socialistas soviéticas iguais em direitos.

Nas cidades, os operários e trabalhadores começaram a mudar-se dos sótãos, caves e tugúrios, onde até aí tinham vivido, para apartamentos confortáveis outrora ocupados por burgueses, altos funcionários e elementos parasitas. Instituiu-se a assistência médica gratuita para os trabalhadores. O Governo Soviético começou a aplicar legislação laboral, que garantia a jornada de 8 horas e segurança social.

Enormes transformações começaram a operar-se no domínio cultural. As grandes realizações da cultura, da ciência, da técnica e das artes tornaram-se património do povo. O ensino passou a ser gratuito e ministrado na língua materna. Começou a liquidação do analfabetismo entre a população adulta.

As conquistas revolucionárias foram consagradas na primeira Constituição Soviética, aprovada no dia 10 de Julho de 1918 pelo V Congresso dos Sovietes da Rússia.

Todavia, a vida pacífica da jovem República Soviética viu-se interrompida pouco depois de ter começado. As camadas e os grupos político-sociais, que antes estavam no poder e possuíam a riqueza

e incalculáveis privilégios, desencadearam uma obstinada luta contra a Revolução vencedora. Mais adiante, especificaremos a composição destas forças. De imediato, queremos apenas sublinhar que mesmo já depois da vitória da Revolução não era intenção do Poder Soviético destruir tudo o que vinha detrás, nem liquidar os representantes do velho regime.

Claro que o poder popular não renunciava aos objectivos programáticos do Partido Comunista. Claro que não podia haver qualquer compromisso com os latifundiários acerca da posse da terra. Claro que desde logo se iniciou a reestruturação socialista da sociedade. Claro que o velho aparelho de Estado, aparelho de violência e opressão sobre os trabalhadores, deveria ser (e foi) destruído. O novo aparelho de Estado, formado com base nos Sovietes, defendia os interesses dos trabalhadores e não os interesses dos exploradores.

Contudo, o novo Estado pretendia levar a cabo a remodelação socialista da sociedade gradualmente, não se apressando sequer com a nacionalização das empresas industriais. (A nacionalização em larga escala foi iniciada apenas no Verão de 1918). Previa-se, por exemplo, recorrer à prática do capitalismo de Estado (criação de sociedades anónimas soviéticas, com a participação de capital privado, a formalização das concessões e a entrega de certas empresas do Estado em arrendamento aos empresários privados). V. Lénine assinalava que o que se pretendia era fazer com que «a passagem a novas relações sócio-económicas fosse a mais suave possível», para que não houvesse «demasiada destruição» e para que este processo «correspondesse maximamente às relações ora existentes» *.

* V. I. Lénine, Obras Completas, v. 44, pp. 200, 202.

A burguesia russa não aceitou, porém, estas propostas, tendo respondido com um «não» categórico a toda a iniciativa do Poder Soviético. A burguesia russa optou logo, impiedosa e irreconciliavelmente, pela destruição da República Soviética. Foi esta sua atitude que levou o Estado Soviético a intensificar as transformações socialistas e a realizar uma destruição mais radical, profunda e rápida do velho regime, do que os bolcheviques haviam previsto.

Não pretendemos afirmar, claro está, que fosse possível, na altura, um desenvolvimento perfeitamente pacífico da revolução e uma livre realização das transformações revolucionárias.

Evidentemente que não se poderia fazê-lo sem afectar os interesses das classes outrora dominantes. E, de uma forma ou outra, estas classes lutariam por tudo o que consideravam «seu», defendendo até ao último banco privado contra os «atentados» do poder de Estado...

Não existiu, aliás, até hoje, uma revolução em que a classe privada do poder não tivesse lutado pela conservação do seu domínio. Todavia, a envergadura, o carácter, a duração e a tenacidade da resistência têm variado de país para país. E nem sempre essa resistência se transforma em guerra civil.

Foi exactamente na Rússia que os exploradores opuseram a mais encarniçada resistência (que desencadearia uma prolongada guerra civil) à revolução socialista vencedora.

Isso ficou a dever-se, antes de mais, ao facto de a Rússia ter sido o *primeiro* país em que venceu o poder dos trabalhdores. O factor psicológico desempenhou também um papel importante. As forças contra-revolucionárias, recordando que as anteriores tentativas da classe operária para tomar o poder haviam fracassado, estavam perfeitamente convencidas de que também dessa vez conseguiriam,

mais cedo ou mais tarde, vencer. Em segundo lugar, a Rússia Soviética era o *único* país do mundo governado por operários e camponeses, não podendo por isso obter apoio de nenhum Estado. A contra-revolução, pelo contrário, obteve um enorme e diversificado apoio dos maiores países capitalistas. Essa ajuda, traduzida numa invasão armada directa, numa intervenção militar anti-soviética, fez com que a guerra civil na Rússia assumisse um carácter particularmente duro e tenaz.

As classes que apoiaram a contra-revolução

Vejamos mais pormenorizadamente as forças que se opuseram à revolução vencedora na Rússia.

Antes de mais, a burguesia industrial e rural e os latifundiários.

Não é raro encontrar, na literatura histórica, a afirmação de que a burguesia russa era fraca. A nosso ver, esta afirmação só pode ser aceite com algumas ressalvas. De facto, do ponto de vista político, a burguesia russa não tinha experiência comparável à das burguesias inglesa, francesa, alemã ou americana. Estava até certo ponto politicamente dividida, não tinha um programa de acção preciso, era incapaz de liderar a massa pequeno-burguesa e revelava pouco poder de manobra, fraca maleabilidade. Politicamente, a burguesia não manobrava — oscilava de um extremo a outro.

Mas, do ponto de vista histórico, é impossível menosprezar as forças que se opunham à revolução, em primeiro lugar a própria burguesia. Apesar de todas as contradições, a burguesia industrial actuava em aliança com a nobreza, por um lado, e a burguesia rural, por outro. Embora a massa pequeno-burguesa não tenha ido, em geral, atrás da bur-

guesia, as suas cúpulas — os partidos oportunistas — constituíram um suporte da contra-revolução.

A contra-revolução possuía consideráveis recursos económicos e dispunha também de quadros militares bem preparados (referir-nos-emos com mais pormenor a este aspecto mais adiante).

Por outras palavras, a contra-revolução russa possuía consideráveis possibilidades e reservas para opor resistência encarniçada à revolução vencedora. E foi isso que fez.

A situação das classes exploradoras não permaneceu entretanto inalterável, durante a revolução e a guerra civil. Pelo contrário — mudou radicalmente. Os latifundiários foram liquidados como classe com a maior rapidez e consequência. Por isso, não puderam apoiar-se, na guerra, nos seus recursos económicos. Este facto debilitou logo, em certa medida, as possibilidades económicas da contra-revolução.

A burguesia foi liquidada como classe progressivamente com uma intensidade cada vez maior, no decurso da própria guerra. Mas, de todas as maneiras, tinha ao seu dispor, sobretudo no período inicial, consideráveis meios materiais.

A burguesia rural era a camada mais numerosa das forças contra-revolucionárias. Mas, em 1918, aquando da revolução socialista no campo, ela sofreu golpes sensíveis, que a debilitaram economicamente e minaram a sua influência política sobre as camadas camponesas médias. Nos anos da guerra civil, as posições da burguesia rural foram-se tornando cada vez mais fracas, em consequência da política praticada pelo Poder Soviético, que apoiou os camponeses pobres e médios e restringiu os direitos da burguesia rural. No fim da guerra civil, a percentagem das explorações burguesas em relação a todo o campesinato diminuiu de 15% (antes da revolução) para pouco mais de 3%.

Deste modo, a acção enérgica do poder revolucionário fez com que o campo de acção das forças contra-revolucionárias diminuísse bastante, com o decorrer da guerra.

Parte considerável dos oficiais, funcionários públicos e outros grupos de intelectuais opôs-se à Revolução. Estas camadas (genética, ideológica e organicamente ligadas à burguesia e aos latifundiários) participaram na luta armada.

Mas o Poder Soviético soube, através de medidas ideológicas e de organização, dividir estas camadas e ganhar para o seu lado numerosos oficiais, funcionários e intelectuais.

Também as cúpulas exploradoras das regiões nacionais possuíam forças importantes. Tanto mais que em muitas regiões do país (Casaquestão, Ásia Central, Cáucaso do Norte e outras) a expropriação dos chefes tribais e feudais só se realizou depois da guerra civil.

As cúpulas feudal-patriarcais e a burguesia nacional opuseram-se em toda a parte à revolução socialista e ao Poder Soviético. O combate à contra-revolução nacionalista exigiu muitos esforços sobretudo na Ucrânia, no Caúcaso e no Báltico — regiões em que a contra-revolução estava melhor organizada, política e militarmente.

Ao mesmo tempo, a formação duma frente unida da contra-revolução russa e nacional deparou com uma série de dificuldades e contradições. A aspiração dos grupos nacionalistas à autonomia chocou-se com as pretensões integracionistas dos líderes militares (Koltchak, Deníkin e outros dirigentes da contra-revolução russa). Estes não queriam sequer ouvir falar de qualquer autonomia dos povos não-russos. Por outro lado, os próprios nacionalistas, in-

centivando as paixões separatistas, entravam em conflitos que se transformavam frequentemente em choques armados. Na Transcaucásia, por exemplo, houve um período em que no poder estiveram os partidos nacionalistas (mencheviques na Geórgia, mussavatistas no Azerbaijão e dachnakos na Arménia), os quais se hostilizavam mutuamente, arrastando georgianos, azerbaijãos e arménios para lutas fratricidas.

Desde os primeiros dias da Revolução de Outubro, as forças a ela hostis recorreram, paralelamente à sabotagem económica e às manobras políticas, também à luta armada, numa tentativa de derrubar pela força o Poder Soviético e restaurar o velho regime.

Ainda os aplausos dos delegados ao II Congresso dos Sovietes de Toda a Rússia ovacionando a proclamação do Poder Soviético não se tinham extinguido, e já se ouvia o ribombar dos canhões nas proximidades da capital revolucionária.

O ex-primeiro-ministro Kerenski, fugido de Petrogrado, sublevara-se, reunindo, juntamente com o general Krasnov, algumas unidades militares que se lançavam à «pacificação» dos operários e camponeses vencedores. As tropas de Kerenski-Krasnov, depois de se aproximarem de Petrogrado, foram derrotadas e afugentadas pelos operários, marinheiros e soldados.

Contra o novo regime manifestaram-se os chefes cossacos Dútov (no Sul dos Urais) e Kalédin (na região do Don). Também eles sofreram derrotas. Mas a contra-revolução não depôs as armas. Na primeira metade de 1918, a burguesia criou numerosas organizações clandestinas que praticavam conspirações, motins, actos de sabotagem e terror e faziam agitação anti-soviética. A contra-revolução optou por criar as suas forças armadas, que se auto-

Petrogrado, 1917-1918. Destacamentos de voluntários — os operários da cidade defenderam de armas na mão o Poder dos Sovietes, combatendo a contra-revolução.

denominaram «guarda branca» (tradicionalmente, a cor branca simbolizava a «legalidade», contrariamente à cor vermelha — cor da revolução e da luta pela liquidação do velho regime. Por isso, os soldados e oficiais das tropas contra-revolucionárias passaram a ser conhecidos por «guardas brancos» ou, simplesmente, «brancos»).

Contudo, a «guarda branca» não podia contar com êxitos firmes. As rápidas demolições das primeiras tentativas da contra-revolução de desencadear uma guerra civil demonstraram que o Poder Soviético, apoiado pela esmagadora maioria do povo, possuía uma grande superioridade sobre as forças contra-revolucionárias.

Mas a guerra civil não terminou aí. Pelo contrário, a sua envergadura e intensidade foram crescendo de mês para mês. Razão: a entrada em cena, além das forças rivais internas, também das forças externas. Os maiores países capitalistas da altura declararam guerra à revolução vencedora, organizando uma intervenção militar anti-soviética.

2. A INTERVENÇÃO ARMADA ESTRANGEIRA

Invasão das tropas austro-germânicas

Vejamos a envergadura e as formas que revestiu a intervenção estrangeira nos assuntos internos da Rússia.

A Revolução de Outubro ocorreu em plena guerra mundial. Desde 1914, os países da Entente (constituída inicialmente pela Inglaterra, França e Rússia e, mais tarde, também pelos EUA, Japão, Itália e outros países) combatiam contra a Aliança dos Quatro (Alemanha, Áustria-Hungria, Turquia e Bulgária). A guerra mundial durou até ao Outono de 1918. Deste modo, após a Revolução de Outubro durante um ano o mundo capitalista continuou dividido em dois blocos opostos, numa encarniçada guerra. Este facto dificultou a unificação das forças imperialistas. Mas, mesmo nessas condições, ambos os grupos hostis manifestaram-se logo unânimes no seu ódio à República Soviética.

Os primeiros a entrar em operações contra o Poder Soviético foram os invasores alemães e austro-húngaros, que se apoderaram de grandes partes do território russo. Quase ao mesmo tempo, foi iniciada uma intervenção anglo-franco-nipo-americana. Desde o Outono de 1918, após a derrota da Alemanha e dos seus aliados na guerra imperialista, o principal papel na intervenção anti-soviética passou a ser

desempenhado pelos países da Entente. Mas, mesmo então, os recursos e os territórios das nações vencidas foram aproveitados pela Entente na sua luta contra a Rússia Soviética.

A Alemanha imperialista foi assim a primeira a iniciar uma ampla intervenção anti-soviética.

No momento da revolução, a Rússia, por um lado, e a Alemanha e os seus aliados, por outro, continuavam a guerra: os exércitos russo e austro-germânico opunham-se mutuamente numa enorme frente — desde o Golfo de Riga à foz do Danúbio.

O Governo Soviético propôs imediatamente paz a todos os países beligerantes, inclusivé à Alemanha e aos seus aliados.

As propostas de paz figuraram no primeiro decreto do Poder Soviético — o famoso Decreto da Paz, aprovado a 26 de Outubro (8 de Novembro) de 1917, pelo II Congresso dos Sovietes de toda a Rússia.

A Rússia Soviética propôs a todos os países que iniciassem imediatamente conversações com vista ao estabelecimento de uma paz justa e democrática, sem anexações nem indemnizações.

Os Governos dos países da Entente não se dignaram sequer responder a essa proposta.

A Alemanha concordou porém em dar início a conversações. A 20 de Novembro foi concluído um armistício, e a 9 de Dezembro abria uma conferência de paz, na cidade bielo-russa de Brest-Litovsk (Brest). Os objectivos que a Alemanha imperial visava na conferência, não tinham nada a ver com uma paz democrática e justa. A Alemanha exigiu ficar com a Polónia, a Lituânia, parte da Letónia e parte da Bielo-Rússia. Eram exigências abertamente anexionistas. No dia 9 de Fevereiro, o ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha, von Kuhlmann, exigiu, em forma ultimativa, que a Rússia aceitasse as reivindicações alemãs.

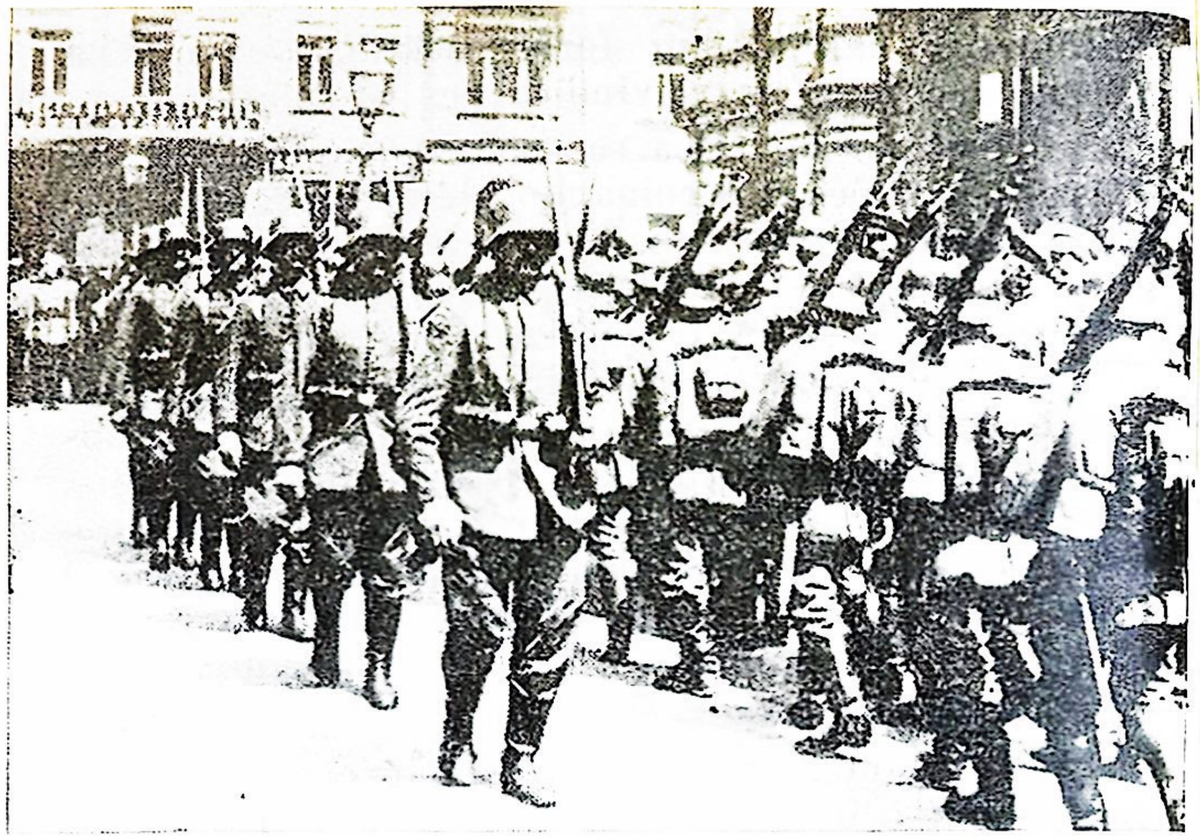
A delegação soviética recusou-se a assinar a paz nessas condições e o comando alemão iniciou, a 18 de Fevereiro, uma ofensiva em toda a frente. 700 mil soldados austro-alemães atacaram as posições do exército russo. A República Soviética viu-se numa posição extremamente difícil. O seu povo, extenuado pela guerra, almejava a paz. Os Governos czarista e Provisório haviam arruinado a economia. O velho exército praticamente deixara de existir e era incapaz de resistir ao inimigo em ofensiva. O novo Exército Vermelho estava apenas em formação e era pouco numeroso e mal preparado.

As divisões alemãs avançavam em direcção a Petrogrado, Moscovo e Kíev. O Governo Soviético promulgou o decreto «A Pátria Socialista Está em Perigo!». «O militarismo alemão — dizia-se nesse decreto —, cumprindo o recado dos capitalistas de todos os países, *quer estrangular os operários e camponeses russos e ucranianos, devolver as terras aos latifundiários, as fábricas aos capitalistas e o poder à monarquia*» *. Nas empresas começou o alistamento de voluntários para o exército. Começaram a formar-se com toda a urgência destacamentos do Exército Vermelho.

Nesses dias de Fevereiro de 1918, os destacamentos recém-formados do Exército Vermelho barraram o caminho às divisões alemãs nos campos nevados de Pskov e nas proximidades de Narva. A vanguarda das tropas alemãs foi detida quase às portas de Petrogrado. Em homenagem a esses combates, em que o Exército Vermelho obteve a pri-

---

* V. I. Lénine, Obras Completas, v. 35, p. 357.



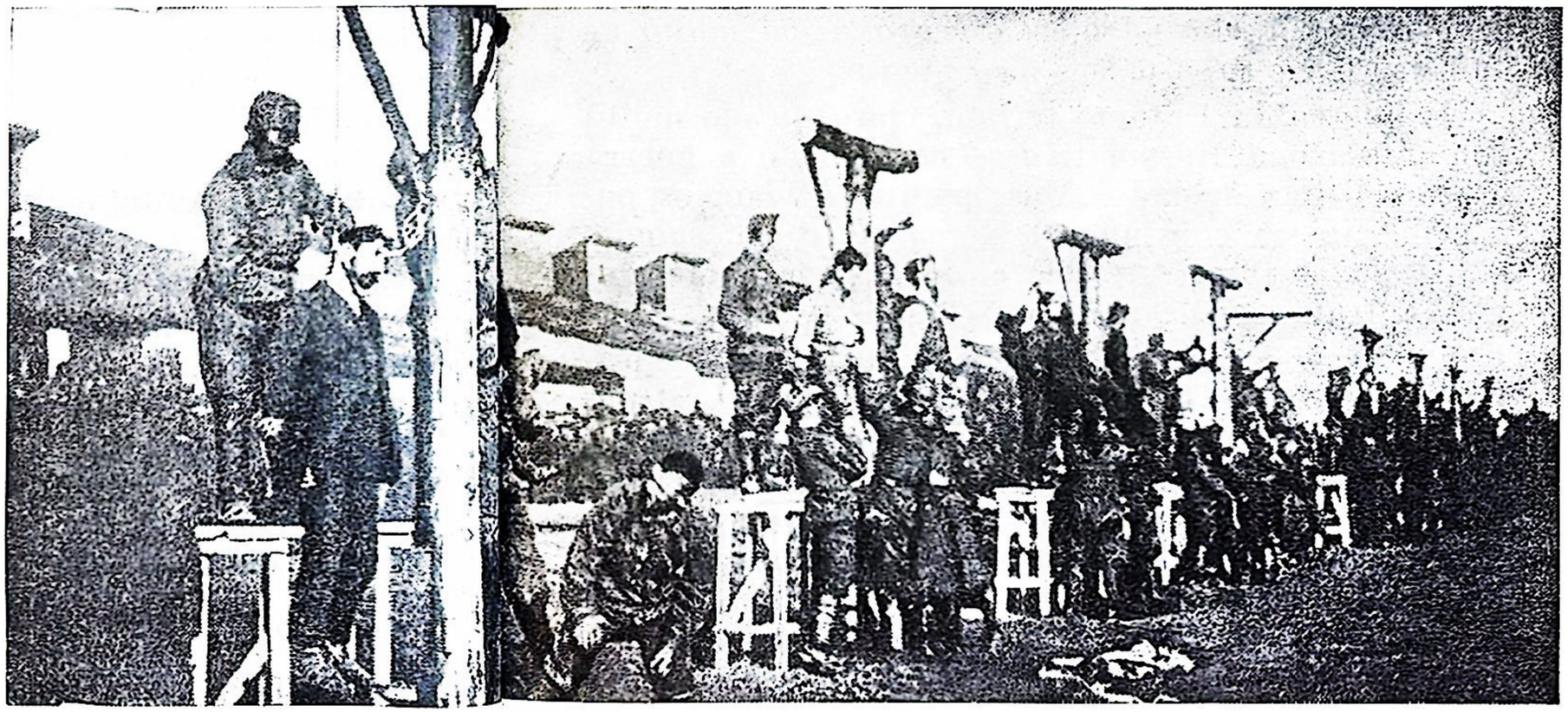
1918. Ocupantes alemães em Kíev, capital da Ucrânia.

meira vitória, o dia 23 de Fevereiro é assinalado na URSS como Dia das Forças Armadas Soviéticas.

Todavia, a situação na frente continuava muito difícil e ameaçadora. A paz era necessária custasse o que custasse.

A 3 de Março de 1918, uma delegação soviética assinou um tratado de paz com a Alemanha e os seus aliados («Paz de Brest»). As suas condições eram ainda mais pesadas do que as iniciais. O país Soviético entregava toda a região do Báltico, a Ucrânia e a Bielo-Rússia e comprometia-se a pagar uma enorme indemnização.

Os políticos e historiadores ocidentais empenharam bastantes esforços para culpar a Rússia por «ter traído os seus compromissos perante os aliados», ao assinar a paz em separado com a Alemanha.



1918. Ocupantes austro-germânicos executam pela forca um grupo de operários revolucionários, na cidade de Ekaterinoslav (actual Dniepropetrovsk).

Todavia, todo o homem sensato compreendia sem dificuldade que essas acusações não passavam de um insulto à Rússia.

Em primeiro lugar, porque a Rússia Soviética sugerira uma paz *geral* a todos os países, não lhe cabendo por isso a responsabilidade pelo facto dos países da Entente terem rejeitado logo a própria ideia de conversações sobre uma paz geral, justa e democrática.

Em segundo lugar, a Paz de Brest *fora imposta* à Rússia pelo militarismo alemão. Era uma paz forçada e anexionista. O tratado de paz foi assinado quando tropas alemãs, tendo-se apoderado de enormes territórios, ameaçavam directamente os principais centros dos países da Entente.

Em terceiro lugar, não se deve esquecer de que a Rússia, participando ao longo de mais de três anos na Guerra Mundial, deu uma enorme contribuição para a luta contra a Aliança dos Quatro, e as perdas por ela sofridas *superaram em muito* as sofridas por outros países da Entente.

Os líderes da Entente teriam, claro, ficado muito contentes se a Rússia tivesse continuado a guerra até ao último soldado. Mas, porque deviam os povos da Rússia continuar a derramar o seu sangue em prol dos interesses dos círculos governantes ingleses, franceses e americanos?

A invasão das tropas austro-germânicas foi o primeiro acto da intervenção anti-soviética estrangeira. O Estado Soviético sofreu colossais prejuízos: nos territórios ocupados, o Poder Soviético foi liquidado e o velho regime restaurado.

Mais tarde, as tropas alemãs, violando as condições do tratado de paz, continuaram a agressão e ocuparam a Crimeia e algumas regiões do Cáucaso. O Governo Soviético viu-se obrigado a ordenar

que se afundasse a Esquadra do Mar Negro, para que esta não caísse nas mãos da Alemanha.

Intervenção da Entente

Quase ao mesmo tempo, começou a intervenção da Entente. No Norte e no Extremo Oriente da Rússia Soviética, desembarcaram tropas intervencionistas inglesas, japonesas e americanas.

No dia 9 de Março de 1918, tropas inglesas desembarcaram em Múrmansk: 200 soldados ingleses, com dois canhões, desceram do navio militar «Glory» e dirigiram-se à cidade. Assim pisou território soviético o primeiro destacamento intervencionista da Entente. O rufar dos tambores e o bater pesado das botas militares anunciavam o início duma intervenção armada da Entente nos assuntos da República Soviética.

Logo após o desembarque do primeiro destacamento inglês, desembarcaram novas unidades militares: inglesas, francesas e americanas. Toda a província de Múrmansk foi ocupada por tropas estrangeiras. Alargando a intervenção no Norte, os invasores decidiram apoderar-se de Arkhanguelsk. Na madrugada de 1 de Agosto, navios de guerra dos invasores entraram na foz do Dviná Setentrional e bombardearam as posições da artilharia costeira montadas na ilha de Mudiug. Aviões inimigos atacaram Arkhanguelsk do ar. No dia seguinte, 2 de Agosto, Arkhanguelsk caiu.

A intervenção teve lugar também no Extremo Oriente. Na manhã de 5 de Abril, chalupas e lanchas foram baixadas dos couraçados japoneses estacionados no anteporto de Vladivostok. Logo a seguir, os soldados desembarcados começaram a descarregar canhões, metralhadoras, carros e cozinhas

de campanha. Os fuzileiros navais japoneses ocuparam Vladivostok. Também os ingleses desembarcaram na cidade. Na mesma altura, nos EUA faziam-se também preparativos febris para enviar tropas para o Extremo Oriente soviético. O general Graves foi chamado ao Ministério da Defesa dos EUA e recebeu ordem de se preparar para navegar até à Rússia. O navio de transporte militar «Thomas» saiu de San Francisco, tendo a bordo dois mil soldados sob o comando de Graves. Outros navios com tropas partiram do porto filipino de Manila. Todos eles se dirigiram a Vladivostok. Enquanto isso, novas unidades militares japonesas e inglesas desembarcavam na cidade.

Os intervencionistas decidiram infligir um dos golpes principais no interior do país.

Em fins de Maio de 1918, começou o motim do corpo checoslovaco no Médio Volga e na Sibéria. O corpo era constituído por checos e eslovacos que haviam servido no exército austríaco e tinham sido feitos prisioneiros pelas tropas russas, durante a I Grande Guerra. Em 1918, as unidades militares checoslovacas partiram de regresso à Europa, com autorização do Governo Soviético, via Sibéria e Extremo Oriente. Os líderes da Entente decidiram aproveitar o corpo na luta contra a República Soviética. Provam-no convincentemente os numerosos documentos e as memórias dos dirigentes da Entente. A 18 de Maio de 1918, o embaixador da França na Rússia, Noulans, comunicava ao comando do corpo: «Os Aliados pretendem que as unidades checoslovacas fiquem na Rússia e constituam o núcleo dum exército aliado antibolchevique» *. O corpo checoslovaco era inteiramente financiado pe-

* Spargo J. Russia as American Problem. N.Y., 1920, pp. 244—245.

A invasão do Norte da Rússia por tropas anglo-franco-americanas começou em Março de 1918. Na foto: soldados americanos desfilam por Arkhánguelsk, sob ocupação estrangeira (Outono de 1918).

Urais, 1918. Linhas avançadas de checos contra-revolucionários.

la Entente. O seu comando e grande parte de oficiais eram anti-soviéticos. Eles conseguiram enganar os soldados, declarando-lhes que o Poder Soviético teria decidido não os deixar sair da Rússia. Assim se provocou o motim armado das unidades militares checoslovacas.

As unidades do corpo (constituído por 50 mil soldados bem armados), situadas ao longo do caminho-de-ferro Transsiberiano, ocuparam várias cidades da região do Volga e da Sibéria.

Os invasores ocuparam também parte da Ásia Central soviética. Num quente dia de Agosto de 1918, uma coluna de automóveis cor de areia atravessou a fronteira soviético-iraniana, perto da estação ferroviária de Artik. As tropas inglesas procedentes do Irão (então Pérsia) invadiram o território soviético e ocuparam Achkhabad e várias outras cidades da Região Transcáspia (hoje Turcoménia).

A ingerência externa assumiu pois a forma de aberta invasão da Rússia Soviética pelas Forças Armadas estrangeiras.

Estes factos são tão evidentes que é impossível negá-los na literatura histórica. E a verdade é que eles não são negados — são silenciados (e com certo êxito) em numerosos livros dedicados à história da URSS.

Tratou-se de uma guerra não-declarada, mas em larga escala, da Entente contra a Rússia Soviética. É inconsistente e até ridícula a «justificação» do envio de tropas intervencionistas para a Rússia, a que recorreram nessa época as potências estrangeiras. Na Primavera e no Verão de 1918, o envio das tropas foi explicado pelo «perigo alemão». Para os autores desta versão, a Alemanha, ao concluir a paz com a Rússia, poderia apoderar-se de importantes vias de comunicação e utilizá-las contra a Entente.

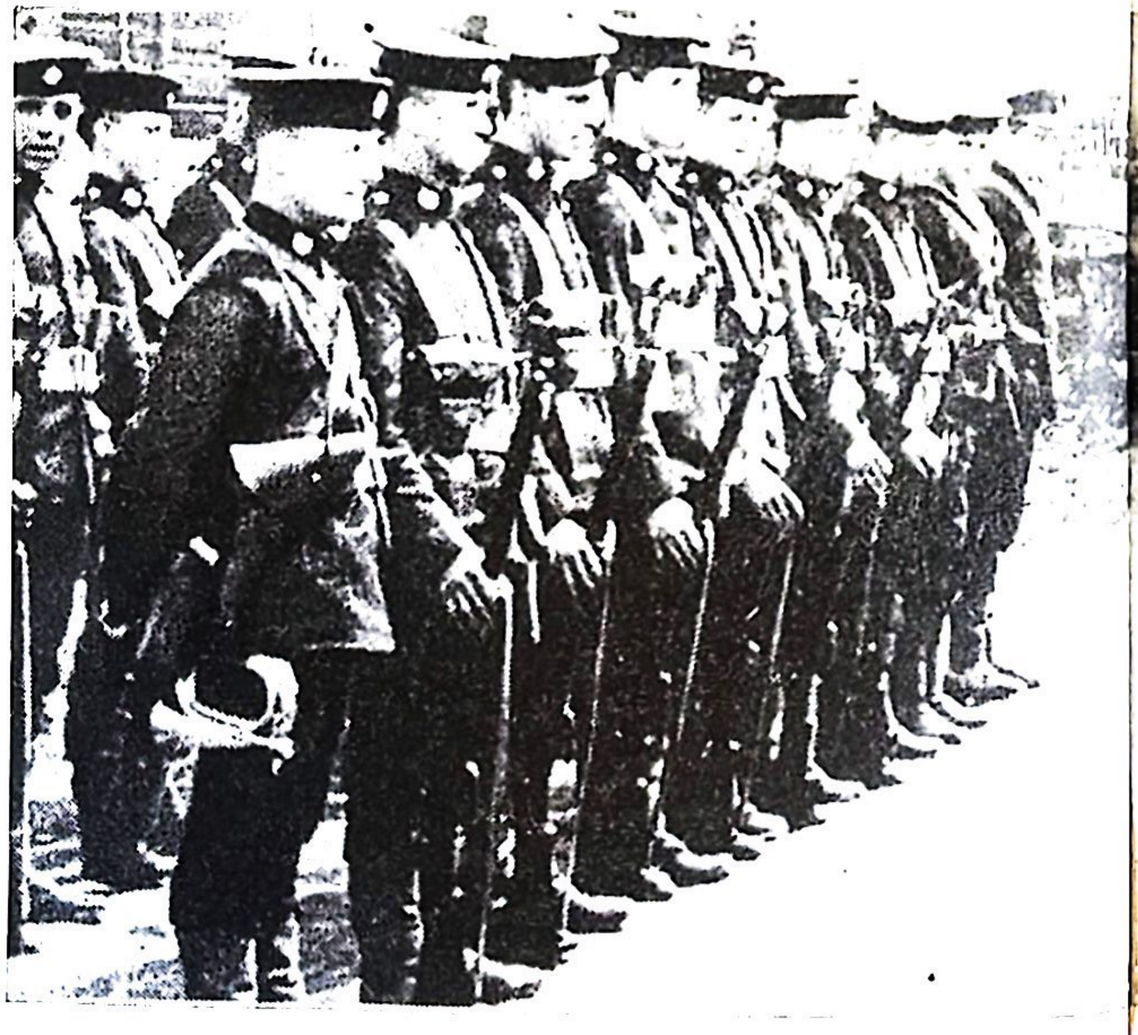
A fraqueza deste argumento é evidente. Dado que a Rússia se havia retirado da guerra, para quê precisava a Entente de vias de comunicação com as cidades setentrionais russas — Múrmansk e Arkhanguelsk? Esta região estava absolutamente isolada das hostilidades na Europa Ocidental, onde se decidia a sorte da I Grande Guerra. A «explicação» dos desembarques ingleses, japoneses e americanos em Vladivostok pelo «perigo alemão» era simplesmente ridícula.

Com efeito, em Novembro de 1918, após a capitulação da Alemanha e o fim da guerra, a intervenção não só não terminou como, pelo contrário, se intensificou bruscamente. O «perigo alemão», dado como razão da intervenção, deixara de existir, mas as tropas da Entente continuaram a desembarcar nos portos da Rússia. O armistício de Compiègne (Novembro de 1918), que concluiu a história da Primeira Guerra Mundial, deu praticamente início a um novo capítulo na crónica da intervenção anti-soviética e a uma ingerência ainda mais declarada e ampla da Entente nos assuntos da Rússia revolucionária.

Na noite de 15 para 16 de Novembro de 1918, uma esquadra anglo-francesa entrou no Mar Negro. Atrás dos navios de guerra, passaram pelos estreitos de Dardanelos e Bósforo navios com tropas, armas e munições. Sob a protecção de couraçados, tropas francesas e gregas desembarcaram em Odessa. Foram ocupadas também Sevastopol e várias outras cidades do litoral do Mar Negro e alguns pontos importantes da Transcaucásia — Bacu, Tbilíssi e Batúmi. Na Ucrânia, o tom era dado pelos franceses, na Transcaucásia pelos ingleses. As tropas intervencionistas foram reforçadas também no Norte e no Extremo Oriente.

Só em 1919 os principais contingentes das tro-

Primavera de 1918. Tropas americanas e japonesas em Vladivostok.



Outono de 1918. Um destacamento de fuzileiros navais ingleses, em Odessa sob ocupação estrangeira.

pas estrangeiras abandonaram a Rússia. E não por vontade própria, mas devido a uma série de diversas circunstâncias, entre as quais o movimento revolucionário nas tropas (os soldados recusavam-se a combater contra a Rússia Soviética e exigiam o regresso à Pátria; uma verdadeira insurreição deu-se na esquadra francesa do Mar Negro), o crescente poderio do Exército Vermelho (não se conseguiu uma rápida expedição punitiva, a guerra tornava-se prolongada e exigia reforços) e um amplo movimento de opinião pública no Ocidente «Tirem as mãos da Rússia Soviética!».

Mas, também nos anos seguintes formações militares estrangeiras permaneceram na Rússia (sem contar os assessores e instrutores nas formações militares contra-revolucionárias), e navios de guerra entraram nas águas territoriais russas. As tropas japonesas permaneceram no Extremo Oriente da Rússia até fins de 1922. Também um ataque da Polónia à Rússia Soviética, inspirado pela Entente em Abril de 1920, foi uma manifestação de intervenção militar aberta.

A Entente estabeleceu um rígido bloqueio da Rússia Soviética, que culminou em 1919. Eis um documento eloquente e convincente — uma nota de 10 de Outubro de 1919, do Supremo Conselho da Entente. A nota era dirigida aos países neutrais e tratava dos métodos de «pressão económica sobre a Rússia bolchevista». A nota sugeria que os países neutrais «impedissem todo o comércio dos seus cidadãos com a Rússia bolchevista e ...garantissem a rigorosa aplicação desta política». Dizia também que «no Golfo da Finlândia, navios britânicos e franceses continuarão a desviar os navios cujos documentos forem expedidos para os portos da Rússia bolchevista». Aos cidadãos dos países da Entente e neutrais proibiam-se não só a entrada na Rússia,

como também o envio de cartas, telegramas e radiotelegramas.

O bloqueio interrompeu praticamente todos os contactos da Rússia Soviética com o mundo externo.

A ingerência dos países da Entente nos assuntos internos da Rússia Soviética traduziu-se também na organização e financiamento de motins e conspirações antigovernamentais. Os factos provam irrefutavelmente que agentes da Entente (numa série de casos, os próprios representantes oficiais da Inglaterra, França e EUA) eram os seus directos inspiradores.

A direcção dos exércitos contra-revolucionários por militares da Entente era mais uma forma activa de intervenção.

Conselheiros militares e emissários de diversos níveis estavam nos quartéis-generais dos generais e almirantes contra-revolucionários — Deníkin, Koltchak, Iudénitch, Miller e outros.

Recorde-se que do ponto de vista do território as forças contra-revolucionárias russas estavam bastante divididas no período da guerra. Concentradas fundamentalmente nas regiões periféricas do país (Sibéria, Sul, Noroeste e Norte), não contactavam directamente, encontrando-se em situação de policentrismo geográfico. Por isso, fracassaram as tentativas de criar um centro contra-revolucionário nacional. A proclamação, em fins de 1918, de Koltchak «supremo governante», e da distante cidade siberiana de Omsk «capital» da Rússia foi mais simbólica do que prática.

As acções das tropas contra-revolucionárias e intervencionistas eram, ainda assim, bastante coordenadas e sincronizadas. Essas acções, que visavam fechar o anel das diversas frentes em torno da República Soviética e infligir golpes sincronizados em direcção dos principais centros soviéticos — Mosco-

vo e Petrogrado * —, realizavam-se de acordo com planos únicos.

Estes planos foram elaborados sob a direcção da Entente — organizadora e coordenadora da luta anti-soviética. Não foi por acaso que nesses anos surgiu e teve ampla divulgação a expressão «cruzada da Entente». Ela reflecte correctamente a essência do problema, pois todo o avanço conjugado das forças contra-revolucionárias e intervencionistas, em 1918, 1919 e 1920, foi uma ofensiva, uma «cruzada» planificada, preparada e organizada sob a orientação directa dos líderes políticos e militares da Entente.

A última (mas não pela sua importância) forma de intervenção foi um amplo abastecimento de armas, munições e fardamento estrangeiros aos exércitos contra-revolucionários.

S. Kírov, um dos destacados dirigentes políticos do Exército Vermelho dessa altura, disse metaforicamente que nas mãos de Koltchak estava uma «espada fabricada nas melhores oficinas do imperialismo...» **. Poder-se-ia acrescentar, com a mesma razão, que nas mãos de Deníkin, Vranguel e Iudénitch estavam as espingardas, as metralhadoras e os canhões fabricados nas melhores oficinas dos EUA, Inglaterra e França.

O general Knox, chefe da missão militar britânica na Sibéria e principal conselheiro de Koltchak em questões de organização e abastecimento do exército, disse a Gins, um dos homens de maior confiança de Koltchak, que «todo o cartucho disparado pelo soldado russo... contra os bolcheviques foi fabricado na Iglaterra» *. Estas palavras reflectem o estado real das coisas.

W. Churchill (então ministro da Guerra da Grã-Bretanha) testemunhou que, até ao Outono de 1919, Inglaterra gastara cerca de 100 milhões de libras esterlinas com a ajuda aos exércitos contra-revolucionários. Evidentemente que W. Churchill tinha toda a razão quando, em 1919, caracterizou o exército de Deníkin como o «seu exército» **. A maior parte da referida soma fora gasta precisamente no abastecimento do exército do general Deníkin. Mais tarde, Churchill escreveria nas suas memórias, de cinco volumes, dedicadas à I Guerra Mundial («The World Crisis»): «A Inglaterra prestou-lhe (a Deníkin) a principal ajuda, e, no mínimo, 350 mil espingardas, 200 canhões, 30 tanques e enorme quantidade de munições foram enviadas, através dos Dardanelos, pelo Mar Negro, para Novorossiisk».

É, portanto, evidente, que foi a ingerência estrangeira que tornou a guerra civil na Rússia tão pesada, prolongada e sangrenta.

---

* Nome antigo de Leninegrado (N. da R.).

** S. Kírov. Artigos, discursos, documentos. Vol. 1, Moscovo, 1936, pp. 62—63.

* T. Gins. Sibéria, aliados e Koltchak. Vol. 2, Pequim, 1921, p. 386. Na literatura histórica citam-se numerosos dados (fornecidos predominantemente por dirigentes contra-revolucionários ou intervencionistas ou tirados dos documentos) sobre a envergadura e a importância da ajuda estrangeira. Por exemplo, A. Deníkin relata nas suas memórias que, de Março a Setembro de 1919, recebeu do estrangeiro fardamento que chegava para um exército de 250 mil homens, 558 canhões, 12 tanques, mais de 1,5 milhões de projécteis e 160 milhões de cartuchos de espingarda (vide: A. Deníkin. Ensaios sobre o motim russo, vol. IV, Berlim, 1925, p. 86). No Inverno de 1918—1919, Deníkin recebeu cerca de 300 mil espingardas, e Koltchak 500 a 600 mil espingardas e cerca de 600 canhões.

** Este facto foi confirmado mais tarde por B. Sávinkov, um dos líderes terroristas contra-revolucionários (N. da R.).

Que fazia correr os homens da Entente?

Uma questão se coloca: quais os motivos que ditaram aos líderes políticos da Entente a intervenção?

As suas acções tiveram por base o interesse classista. É pouco provável que algum dos líderes do mundo capitalista tivesse, então, uma noção clara da importância histórica da revolução socialista na Rússia ou compreendesse que com a vitória da Revolução de Outubro começava uma nova época, a do surgimento e desenvolvimento do socialismo como sistema sócio-económico mundial. Todavia, a maioria dos dirigentes da Entente dava-se perfeitamente conta de que a essência dos acontecimentos na Rússia era social e de classe. Ao desencadearem a guerra anti-soviética, eles guiaram-se, antes de mais, pela aspiração de liquidar as conquistas revolucionárias e restaurar o regime latifundiário-burguês na Rússia. Os círculos governantes do Ocidente ligavam indissoluvelmente o sentimento de comunidade classista com os latifundiários, capitalistas e colonialistas russos derrubados e privados dos seus lucros e privilégios e o ódio pela «plebe», que ousara assumir o leme do Estado, defender as suas próprias posições classistas.

Receavam que o êxito da revolução na Rússia servisse de potente estímulo para a intensificação do movimento revolucionário nos seus próprios países. A expansão das tendências revolucionárias na Europa, América e Ásia, sobretudo entre 1918 e 1920, mostrou que tinham razão para tais receios.

Houve, entretanto, também outros motivos — os planos imperialistas próprios. Cada uma das potências imperialistas cobiçava estas ou aquelas partes do território da Rússia e pretendia transformá-las (pelo menos de facto) em colónias suas. Numerosos documentos confirmam não só a existência de planos expansionistas desenvolvidos pela Inglaterra, França, Alemanha, EUA e Japão, como também o facto de as potências da Entente terem combinado entre si a divisão da Rússia em «esferas de influência».

A nacionalização da indústria e da banca causou sensíveis prejuízos materiais aos capitalistas ocidentais. Os detentores estrangeiros das «acções russas» — ex-donos dos bancos, das empresas e minas nacionalizadas —, figuravam entre os partidários mais ardentes da intervenção, exercendo sensível pressão sobre a política da Inglaterra, França e EUA.

Na etapa inicial da intervenção, um certo papel foi desempenhado também pela aspiração dos imperialistas da Entente a conservarem a Rússia como fornecedora de carne-de-canhão para a continuação da guerra contra a Alemanha.

Unificação das forças contra-revolucionárias externas e internas

No decurso da guerra, as forças contra-revolucionárias internas e externas unificaram-se na luta contra a revolução vitoriosa. Não era um fenómeno novo nem isolado. Já se verificara muitas vezes. Mas, nem antes, nem depois, as forças contra-revolucionárias externas actuaram tão activa e coordenadamente como em 1917-1920.

É absolutamente evidente a ligação cronológica entre o início da intervenção externa e o desenvolvimento da luta armada pelas forças da contra-revolução interna.

Já assinalámos que, nos fins de Fevereiro e em Março de 1918, a intervenção austro-germânica con-

duziu à perda provisória da Ucrânia, Bielo-Rússia, região do Báltico, Crimeia e parte do Cáucaso.

Esse facto debilitou a República Soviética e encorajou as forças contra-revolucionárias. Estas preparavam-se com uma intensidade cada vez maior para amplos choques armados.

Em Março-Abril de 1918, a Entente começou os seus desembarques intervencionistas no Norte e no Extremo Oriente. Em Maio, deu-se o motim do corpo checoslovaco armado. Simultaneamente, a contra-revolução iniciou as suas acções armadas num enorme território — desde as margens do Volga até Vladivostok.

Mais tarde, a unificação das forças da contra-revolução interna e externa assumiria numerosas formas de organização, que seriam até formalizadas juridicamente.

A contra-revolução interna adquiriu, de uma vez, numerosas vantagens militares, materiais e técnicas.

As posições da contra-revolução interna viram-se, entretanto, seriamente minadas devido ao seu bloco com as forças externas, um bloco baseado na submissão e dependência. As forças contra-revolucionárias iniciaram a luta, aproveitando demagogicamente palavras de ordem patrióticas de unidade e independência da Rússia, defesa e consolidação da sua soberania, que adquiriram popularidade junto de certas camadas. Na realidade, porém, verificou-se que as forças contra-revolucionárias, em prol dos seus interesses egoístas, estavam a trair descaradamente os interesses nacionais, a concordar com a divisão do país e a assumir compromissos financeiros que ameaçavam escravizar o país.

Na Rússia, como depois noutros países, observou-se uma lei importante — as classes exploradoras, dizendo-se os principais porta-vozes, guardiões

e defensores dos interesses nacionais, de facto traem-nos e espezinham-nos. As classes exploradoras só defendem os interesses nacionais quando estes coincidem com os seus interesses de classe (coincidência possível). Mas, se num prato da balança estão os interesses nacionais e no outro os interesses de classe, estes prevalecem.

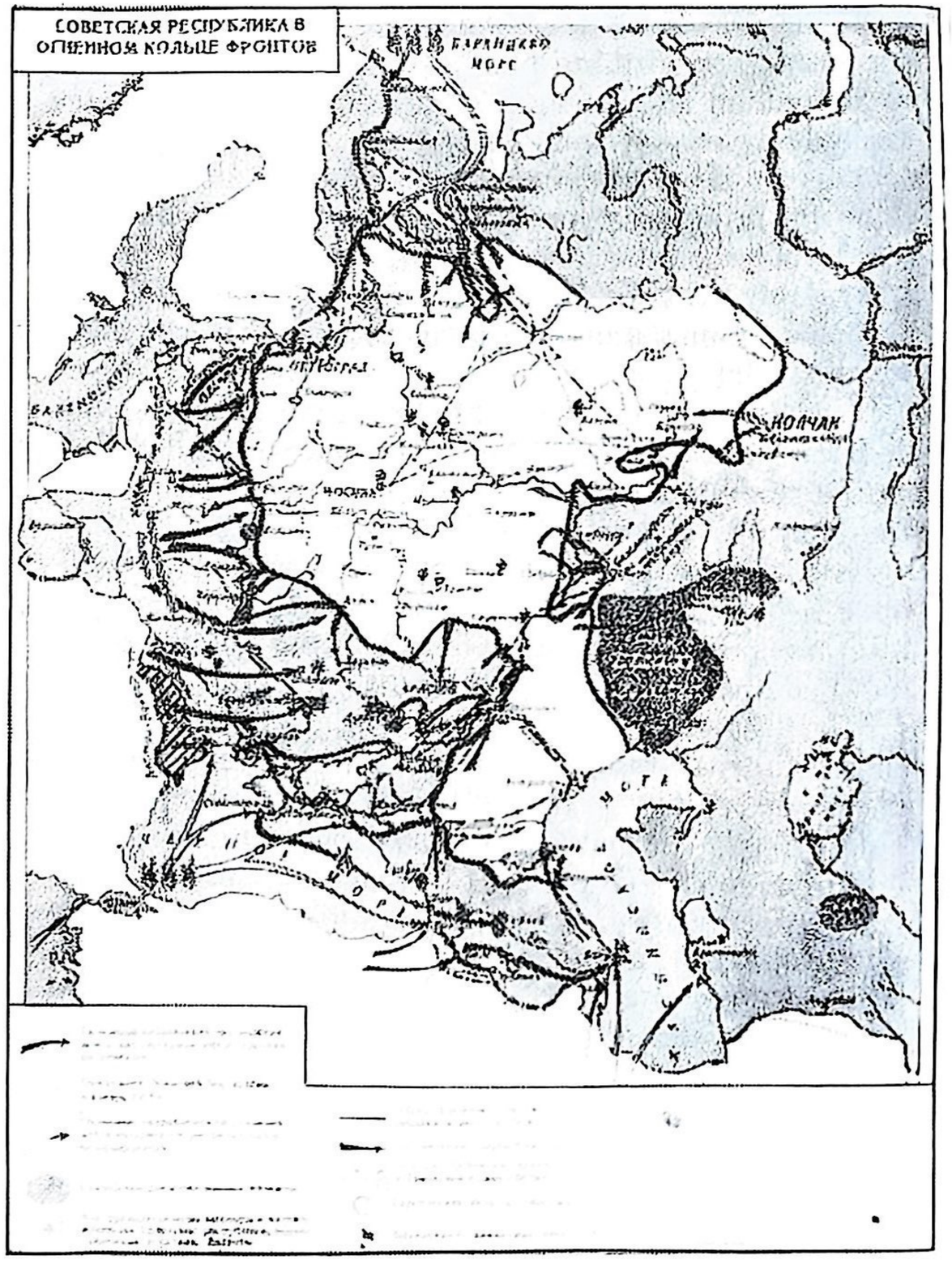
A contra-revolução russa não só não foi uma excepção, como deu provas particularmente evidentes desta lei.

O proletariado russo, pelo contrário, foi um verdadeiro porta-voz dos interesses nacionais e defendeu a independência não só do povo russo como também dos outros povos do país.

Esta defesa assentou numa base essencialmente nova — internacionalista e socialista. A defesa dos interesses nacionais esteve indissoluvelmente ligada à defesa das conquistas revolucionárias e da Pátria socialista. Os interesses nacionais do povo russo nunca foram opostos aos interesses de outros povos do país, e estes últimos aos dos povos de outros países. O patriotismo soviético esteve sempre organicamente ligado ao internacionalismo.

No decurso da guerra civil, muitos homens, que idealizavam a grandeza da Rússia e não tinham apoiado, inicialmente, o Poder Soviético, passaram para o lado deste, porque se convenceram de que o Poder Soviético, longe de procurar a destruição, visava o renascimento e o florescimento da Rússia.

Basta dar uma vista de olhos ao mapa da guerra civil para ver que as forças da revolução e as da contra-revolução estavam nitidamente delineadas, sob o ponto de vista geográfico. Ao longo dos três anos de guerra, as linhas da frente mudaram continuamente a sua configuração, e a correlação territorial foi uma grandeza variável. Mas os parâmetros gerais da divisão geográfica permaneceram.



A República dos Sovietes cercada por frentes de combate (mapa de 1918).

Houve um grupo de regiões que não foram ocupadas pelo inimigo durante toda a guerra: as regiões do centro da Parte Europeia do país, que não contactavam (à excepção dum pequeno sector no Noroeste, perto de Petrogrado) com a fronteira nacional.

As províncias do centro da Parte Europeia da Rússia (inclusive parte da região do Volga), com cidades industriais e administrativas como Moscovo, Petrogrado, Ástrakhan, Briansk, Vladímir, Vólogda, Viatka, Vítebsk, Ivánovo-Voznessensk, Kaluga, Kostromá, Níjni Nóvgorod, Nóvgorod, Penza, Ríbinsk, Riazan, Sarátov, Smolensk, Tambóv, Tver, Tula, constituíram a base do Poder Soviético. O mesmo aconteceu com as províncias e cidades da região do Volga (Kazan, Simbirsk, Samara, Tsarítsin e Iaroslavl) e do Centro-Sul da Rússia Europeia (Vorónej, Kursk e Oriol) *, que ficaram sob ocupação contra-revolucionária pouco tempo.

Estas regiões estavam cercadas por todos os lados por enormes territórios ocupados, por menos ou mais tempo, pelas tropas intervencionistas ou contra-revolucionárias. Uma grande parte desta área foi palco de encarniçadas batalhas. Por certas províncias e cidades, as linhas da frente passaram mais de uma vez. À medida em que o Exército Vermelho obtinha êxitos, este colossal território ia diminuindo e, respectivamente, aumentando as áreas sobre as quais flutuava a bandeira dos Sovietes. O alargamento dos territórios libertados teve sempre um sentido: desde o centro para a periferia, as fronteiras nacionais e os mares.

---

* Também resistiram ao inimigo e não foram ocupadas muitas regiões do Turquestão (com o centro em Tachkent), apesar de terem estado isoladas durante muito tempo do resto do país.

Esta divisão geográfica ocorreu, antes de mais, em consequência da ingerência externa. Por razões naturais, esta ingerência foi maior nas regiões próximas das fronteiras, sobretudo nas proximidades das vias marítimas. Praticamente todas as fronteiras terrestres (com excepção, apenas, de alguns sectores desérticos e montanhosos, de difícil acesso) ora foram atacadas pelas tropas intervencionistas, ora serviram de pontos de formação (com o apoio estrangeiro) das forças contra-revolucionárias ou de vias de comunicação para o transporte de armas e munições.

Praticamente todas as fronteiras marítimas acessíveis (os portos no Oceano Pacífico e nos mares Negro, Báltico, Branco, de Bárents e Cáspio) serviram de pontos de invasão directa de forças intervencionistas e de abastecimento das tropas contra-revolucionárias com todo o material de guerra necessário.

Além disso, como já assinalámos, uma força estrangeira — o corpo checoslovaco amotinado — criou, em 1918, uma premissa militar decisiva para o derrube do Poder Soviético num enorme território ao longo do Volga, assim como nos Urais e na Sibéria, afastado das fronteiras.

Refira-se que grande parte das regiões periféricas esteve sujeita a repetidas ocupações estrangeiras. Muitas regiões ocidentais e meridionais foram ocupadas, sucessivamente, pelas tropas do bloco austro-germânico, da Entente e da Polónia.

Deste modo, foi, antes de mais, nas regiões sujeitas à ingerência estrangeira que surgiram os focos da contra-revolução.

A ingerência estrangeira provocou também a deslocação de grande parte de elementos contra-revolucionários do centro para a periferia e a sua concentração nas áreas ocupadas pelos intervencionistas. Os oficiais monarquistas, os industriais cujas empresas haviam sido nacionalizadas, os latifundiários sem terras, os altos funcionários e militantes dos partidos burgueses e pequeno-burgueses fugiram de Moscovo e Petrogrado revolucionárias para Kíev, cheia de patrulhas alemãs, Arkhanguelsk, ocupada pelas tropas inglesas, Samara — capturada por legionários checoslovacos — e o Cáucaso do Norte, isolado do centro do país. Essa concentração maciça contribuiu em grande medida para o fortalecimento da contra-revolução exactamente nas regiões periféricas.

3. FORÇAS POLÍTICAS DA CONTRA-REVOLUÇÃO

Examinemos agora as forças políticas que encabeçaram a contra-revolução interna.

O mapa político e militar do campo contra-revolucionário era muito heterogéneo. Não há necessidade de enumerar os numerosos «governos», que se formavam e desapareciam nos Urais, Sibéria, Norte, Extremo Oriente, Cáucaso, Ucrânia e Noroeste. As hostilidades alteravam os territórios em poder das forças contra-revolucionárias. Houve «governos» que deslocavam de cidade para cidade, tendo como residência um comboio. Mencionemos apenas os maiores centros de concentração das forças contra-revolucionárias. A Sibéria, nas mãos dos «brancos» desde o Verão de 1918 a 1920. Aí, após uma série de peripécias, chegou ao poder o almirante Aleksandr Koltchak. Na parte meridional da Rússia, incluindo a Ucrânia, a região do Don e o Cáucaso, muitos «governos» e governantes surgiram no pano de fundo dum contínuo deslocamento das linhas da frente e da ocupação pelas tropas intervencionistas austro-germânicas (em Março-Novembro de 1918), da Entente (Outono de 1918 — Primavera de 1919) e polacas (em 1920). Convém destacar, dentre eles, o governo do general Anton Deníkin, que contava com a maior força armada. No

momento do maior avanço das tropas de Deníkin, sob o seu poder estavam quase toda a Ucrânia, o Cáucaso do Norte, a região do Don, a Crimeia e as províncias meridionais da Rússia Central.

Grandes centros contra-revolucionários existiram no Norte da Rússia, com os portos de Arkhanguelsk e Múrmansk. Um «governo» contra-revolucionário aí formado após o desembarque das tropas inglesas existiu até começos de 1920.

A Noroeste, nas imediações de Petrogrado, num território relativamente pequeno, existiu um activo foco contra-revolucionário chefiado pelo general Nikolai Iudénitch.

Quais eram as principais forças políticas do campo contra-revolucionário?

Já nos referimos à base social e de classe da contra-revolução. Os interesses destas camadas sociais — burguesia urbana e rural, latifundiários e cúpulas feudais dos povos da Ásia Central e do Cáucaso — eram expressos por diversos partidos.

Deve frisar-se que nas fileiras da contra-revolução não havia (e, pelos vistos, não podia haver) organização política capaz de congregar diversos grupos anti-soviéticos. O papel de principal força política no campo contra-revolucionário era reclamado pelo partido Constitucional-Democrata (na Rússia, conhecido como partido «cadete»). Os cadetes apoiaram energicamente a formação dos regimes contra-revolucionários anti-soviéticos e ditatoriais de Deníkin e Koltchak e organizaram também muitas conspirações e motins anti-soviéticos. Todavia, não conseguiram, por uma série de razões, unificar as forças contra-revolucionárias.

Com o correr da guerra, no campo contra-revolucionário aumentou a influência de grupos políticos ainda mais reaccionários e de direita que os

cadetes. Esses grupos, abertamente pró-monárquicos, vendo que a contra-revolução não poderia ganhar o apoio do povo, depositaram as suas esperanças apenas na violência mais aberta, na mais grosseira supressão de todos os direitos e no estabelecimento duma ditadura militar e rejeitando inclusive as mínimas aparências de democracia. Desprezavam os cadetes aos quais se aliavam a contragosto, considerando que as frases «liberais» das constitucionais-democratas prejudicavam a causa da contra-revolução.

Mencione-se também que os cadetes estavam divididos, territorial e organizativamente. Parte deles instalou-se no Sul da Rússia ocupado pelas forças contra-revolucionárias, outra actuou na Sibéria; alguns grupos cadetes actuavam clandestinamente em Moscovo e Petrogrado. Certos dos seus líderes preferiram emigrar.

«Terceira força»

Num contexto em que uma das principais tarefas da luta política consistia em ganhar para o seu lado as camadas pequeno-burguesas, sobretudo milhões de camponeses, activaram-se os partidos pequeno-burgueses — Socialista Revolucionário (SR) e *menchevique* (Social-Democrata) — defensores da chamada «terceira via».

Os partidos pequeno-burgueses aspiravam a desempenhar na cena política o papel de força principal. «Defendemos a formação duma 'terceira força', entre a oclocracia bolchevique e a contra-revolução militar-burguesa» — dizia-se num apelo do CC dos SR a todas as suas organizações (Setembro de 1919).

Estes partidos procuraram ocupar uma posição de centro entre as duas principais forças em confronto — o proletariado e o bloco latifundiário-burguês. Mas nessa encarniçada luta de classes não havia lugar para o centro, a equidistância, o neutralismo. De facto, os partidos pequeno-burgueses acabaram por servir de biombo à contra-revolução.

As barricadas das batalhas revolucionárias dividiram nitidamente o país em dois campos políticos opostos, e as linhas da frente fizeram-no ainda mais convincentemente. A famigerada «terceira força» viu-se no campo da contra-revolução. Os «adeptos da democracia» incorporaram-se nas mesmas fileiras dos generais cossacos, oficiais-monarquistas, latifundiários e grandes industriais e desempenharam o papel de lacaios dos invasores estrangeiros. Os programas dos partidos pequeno-burgueses, apesar de toda a sua maquilhagem demagógica, eram, na essência, contra-revolucionários.

Ainda em 1917, o partido SR dividiu-se em duas alas — direita e esquerda. *Os socialistas revolucionários de direita* lutaram com especial ímpeto contra o Poder Soviético. Em Maio de 1918, o VIII congresso dos SR de direita decidiu preparar uma insurreição.

Os socialistas revolucionários de esquerda, que inicialmente apoiaram o Poder Soviético e formaram um bloco com os bolcheviques, com o correr da revolução ocuparam posições reaccionárias e organizaram, em Julho de 1918, motins armados em Moscovo, na Frente Leste e noutros lugares.

Os mencheviques declararam abertamente, em resolução aprovada numa conferência nacional do partido (em fins de Maio de 1918), que era necessário «substituir o Poder Soviético» *.

Os SR e mencheviques formaram, em 1918, vá-

* Spírin L. «Classes e Partidos durante a Guerra Civil na Rússia», Moscovo, 1968, p. 159. Ed. russa.

rios governos nos territórios ocupados pelos invasores e contra-revolucionários. Em Junho de 1918, foi fundado, em Samara, o Comité dos membros da Assembleia Constituinte, integrado, basicamente, por SR de direita e com a participação de alguns mencheviques.

Os socialistas revolucionários predominaram também no Governo Provisório da Sibéria, com sede em Tomsk. A chamada «Conferência estatal de Ufá» (Setembro de 1918) formou um «Governo Provisório da Rússia» (Directório) constituído por SR de direita e cadetes, que pouco tempo depois se instalou em Omsk. Os socialistas revolucionários encabeçaram o «Governo Provisório da Região do Norte» formado, em Agosto de 1918, em Arkhanguelsk, e o Governo Transcáspio, em Achkhabad.

A actividade destes «governos» era diligentemente disfarçada com o adjectivo «democrática». Havia para tal uma razão política muito importante. Os partidos pequeno-burgueses davam-se conta de que as massas — que acabavam de realizar duas revoluções (em consequência das quais, em poucos meses, se passara do jugo da dinastia imperial dos Románov para a democracia soviética) e pela primeira vez em muitos séculos tinham conseguido a autêntica liberdade — odiavam todas as tentativas de restaurar o regimẽ pré-revolucionário. Ganhá-las ou, pelo menos, não as afastar de si, era o que visavam os políticos pequeno-burgueses com a sua concepção de «terceira via» ou «terceira força».

Mas concepções são concepções e factos são factos. E estes mostram que todos os «governos» citados, sem excepção, foram formados nos territórios ocupados pelos invasores, apoiando-se numa única força real — as tropas estrangeiras e as formações latifundiário-burguesas comandadas por velhos generais e oficiais. Todos eles surgiram após

o derrube do poder popular nesses territórios. Todos acompanharam a sua gestão de repressões sangrentas contra os comunistas e representantes sem partido dos trabalhadores. Tinham um único objectivo — a luta contra o Poder Soviético que, sob a direcção dos bolcheviques, se consolidara nas regiões centrais da Rússia e expressava os interesses e os anseios da maioria da população do país.

Por isso, o malabarismo de atributos democráticos não trouxe os resultados esperados aos partidos pequeno-burgueses. O povo julgou-os pelos feitos e não pelas palavras.

A inutilidade das manobras com o recurso à concepção de «terceira força» era tão evidente, que, pouco tempo depois, a contra-revolução abandonou totalmente a camuflagem pseudodemocrática e optou por uma ditadura latifundiário-burguesa declarada, chefiada por generais e almirantes czaristas.

A mais viva prova disso foi o golpe dado pelo almirante Koltchak em Omsk. Um «governo» formado nessa cidade, que se auto-intitulara de «nacional» (embora provisório), e constituído por socialistas-revolucionários de direita e cadetes, convidou o empedernido contra-revolucionário Koltchak para o cargo de ministro militar e naval. Passadas duas semanas após a nomeação, Koltchak deu um golpe, expulsando os socialistas-revolucionários e estabelecendo uma declarada ditadura militar latifundiário-burguesa.

O mesmo se passou em Arkhanguelsk, onde o general Miller, ao assumir, em Janeiro de 1919, o cargo de governador-geral e supremo comandante, se tornou ditador, e no Sul, onde o general Denikin, ao formar as «Forças Armadas do Sul da Rússia» com um exército de «voluntários» e as tropas contra-revolucionárias cossacas das regiões do Don e do Kuban, se tornou comandante-em-chefe dessas

forças e substituto do «governador supremo» Koltchak.

O estabelecimento da ditadura militar latifundiário-burguesa demonstrou com evidência não só a impossibilidade de manobrar entre as principais forças de classe, como o fracasso das tentativas de ganhar a massa pequeno-burguesa para o lado da contra-revolução. O campesinato incorporou-se, cada vez mais energicamente, no combate à contra-revolução. Esta compreendeu que não podia contar com o apoio das massas, apesar da sua desenfreada demagogia. Por isso ela depositou as suas principais esperanças na violência aberta, na força armada, na baioneta, na forca e no chicote.

A ideia de uma «terceira via» era nociva na sua própria essência *. Daí provieram a rápida desagregação e decomposição dos partidos pequeno-burgueses. Esses partidos que no momento da revolução contavam com um amplo apoio (os socialistas revolucionários obtiveram mais de 40% dos votos nas eleições para a Assembleia Constituinte), no fim da guerra civil perderam os seus adeptos e dividiram-se em diversos grupos com programas por vezes contraditórios.

* No fim da guerra civil, foi empreendida uma nova tentativa de aproveitar os ânimos pequeno-burgueses, com a ajuda da palavra de ordem «Sovietes sem comunistas». Esta tentativa reflectia o reconhecimento forçado da popularidade dos Sovietes, que demonstraram ser a única forma de regime de Estado aceitável para o povo. Todavia, a aspiração dos contra-revolucionários desalojarem os bolcheviques dos Sovietes era uma repetição do passado. Como demonstrou, por exemplo, o motim de Kronstadt (ocorrido em inícios de 1921 entre os marinheiros recém-recrutados da Esquadra do Mar Báltico, sob a palavra de ordem «Sovietes sem comunistas»), não havia lugar para qualquer «neutralidade» ou «terceira força». O motim tomou logo um carácter declaradamente anti-soviético e foi dirigido por contra-revolucionários.

Partidos nacionalistas

Os partidos nacionalistas não podiam, evidentemente, desempenhar qualquer papel dirigente no campo da contra-revolução. Por razões naturais, o campo da sua acção restringia-se aos territórios em que habitava um ou outro povo. Todavia, houve regiões em que partidos nacionalistas desempenharam um papel considerável, impedindo a consolidação das forças revolucionárias e atraindo parte da população para órbita da contra-revolução. Isto aplica-se sobretudo aos países do Báltico, onde os nacionalistas da Letónia, Lituânia e Estónia conseguiram, com o apoio decisivo dos invasores estrangeiros, derrubar o Poder Soviético e fundar Estados burgueses. Na Transcaucásia, os nacionalistas do Azerbaijão, da Arménia e da Geórgia, também com o apoio estrangeiro, mantiveram-se no poder até à Primavera de 1920 (Azerbaijão), fins de 1920 (Arménia) e inícios de 1921 (Geórgia).

Na Ucrânia, os partidos nacionalistas exerceram, sem dúvida, uma grande influência sobre a marcha da luta, tendo contribuído para que a guerra durasse mais tempo e revestisse carácter mais complexo. Os partidos pequeno-burgueses (e, num grau muito menor, nacionalistas burgueses) gozavam aí, no início da revolução, de grande influência. Por exemplo, os partidos nacionalistas pequeno-burgueses tiveram a maioria dos votos nas eleições para a Assembleia Constituinte, nas províncias de Kíev, Poltava, Kharkov e Volin. Combinavam a demagogia social com a nacional. As prédicas sobre uma «terceira via» abrangiam tanto a esfera social como nacional, sendo tão falsas umas como outras.

Na realidade, os partidários da «independência» da Ucrânia estavam a vender descaradamente o país

à Alemanha, a Áustria-Hungria e ao bloco anglo-franco-americano.

Os nacionalistas ucranianos estiveram no poder mais de uma vez. No Outono de 1917, um Conselho Central, constituído por *socialistas-federalistas* (cadetes ucranianos), *sociais-democratas* (mencheviques ucranianos) capitaneados por Vinnitchenko e Petliura, e *socialistas-revolucionários ucranianos,* com Gruchévski, Kovalévski e Golubóvitch à cabeça, conseguiu, com a ajuda da Entente e dos contra-revolucionários russos, tomar o poder numa grande parte da Ucrânia. Os trabalhadores não apoiaram, porém, o Conselho. Na maioria das regiões da Bacia do Donets e em Khárkov (o maior centro industrial da Ucrânia) venceu o Poder Soviético. A 12 (25) de Dezembro de 1917, um congresso dos Sovietes da Ucrânia, reunido em Khárkov, proclamou a República Soviética da Ucrânia. Em Janeiro de 1918, o Poder Soviético venceu também em Kíev. Os dirigentes do Conselho Central, fugidos para Jitómir, entraram em conluio com os militaristas alemães e, com o seu apoio, regressaram a Kíev como governantes. Todavia, em fins de Abril de 1918, os alemães dissolveram o Conselho Central e estabeleceram uma ditadura latifundiário-burguesa declarada, chefiada por P. Skoropádski, grande latifundiário e ex-general czarista.

No Outono de 1918, quando a ocupação alemã terminou, os partidos nacionalistas ucranianos fundaram um bloco («União Nacional Ucraniana»), derrubaram Skoropádski e subiram de novo ao poder, formando um Governo nacionalista burguês — o Directório — chefiado por Petliura e Vinnitchenko. Desta vez, orientaram-se de novo para a Entente e dispuseram-se a transformar a Ucrânia em protectorado das potências ocidentais.

A cortina de fumo das frases sobre a «independência» da Ucrânia desaparecia a cada passo dado pelos «governos» nacionalistas. A sua essência contra-revolucionária e antinacional tornava-se cada vez mais nítida. O movimento revolucionário dos trabalhadores da Ucrânia, desenvolvido sob a direcção dos comunistas, pôs termo ao Directório nacionalista. Em Fevereiro de 1919, o Directório fugiu de Kíev.

As organizações nacionalistas da Ásia Central e do Casaquestão também se aliaram às forças contra-revolucionárias. No Casaquestão, por exemplo, os feudais e novos burgueses fundaram um «governo» (Alach-Ordá) apoiado nas tropas contra-revolucionárias de Koltchak, Dútov e Ánnenkov.

O carácter claramente contra-revolucionário das organizações nacionalistas burguesas da Ásia Central tornou-se patente logo no início da guerra civil (fundação da «Autonomia de Kokand», que iniciou, com o apoio de cossacos brancos, a luta armada contra o Poder Soviético).

Organizações nacionalistas actuaram, nos anos da guerra civil, também noutras regiões do país. E todas elas, apesar das tentativas de manobrar politicamente, fizeram o jogo da contra-revolução russa.

O Partido Comunista lutou pela libertação das massas da influência dos nacionalistas, desmascarando as suas verdadeiras intenções e ajudando os povos a compreenderem que a verdadeira emancipação nacional e social só poderia ser alcançada mediante a revolução socialista. Nos anos da guerra civil, todos os partidos e organizações nacionalistas, colocados perante a necessidade de fazer uma escolha decisiva, revelaram a sua verdadeira essência. A guerra provocou o seu fracasso natural e inevitável.

Denominador comum negativo

A fraqueza política e a divisão das forças contra-revolucionárias não eram casuais: reflectiam a heterogeneidade social e classista do campo contra-revolucionário. Os elementos deste campo tinham apenas um denominador comum negativo, traduzido na aspiração de recuperar o seu poder e os seus privilégios.

Também tinham um denominador comum negativo no sentido político — a aspiração de derrubar o Poder Soviético e derrotar os bolcheviques. Como todas as forças condenadas a desaparecer da arena histórica, careciam de qualquer perspectiva e não tinham portanto (nem podiam ter) qualquer programa positivo capaz de interessar as massas.

Todos estes factos reflectiram-se inevitavelmente também no regime de Estado (se se pode empregar este termo em relação aos territórios provisoriamente ocupados pelos invasores e contra-revolucionários). Para governar os territórios ocupados pelos contra-revolucionários (a sua população contava com dezenas de milhões de pessoas) recorreu-se preferencialmente ao que restava dos órgãos de poder pré-revolucionários. Nesses territórios, vigoravam as leis czaristas.

De facto, todo o poder, na esmagadora maioria das regiões ocupadas pelos contra-revolucionários, pertencia à administração militar. Os órgãos de poder «civis», que eram por vezes pomposamente denominados «governos» (existentes no Norte e nos territórios ocupados por Koltchak, Deníkin, Iudénitch e outros) tinham funções muito limitadas. Quanto aos territórios ocupados pelos invasores, estavam sob o controlo total e ilimitado dos comandos militares estrangeiros.

4. NO CAMPO DA REVOLUÇÃO

Base de classe do Poder Soviético

Na guerra civil, às forças unificadas da contra-revolução interna e externa opuseram-se, antes de mais, a classe operária e as camadas trabalhadoras do campo.

A classe operária, que se tornou porta-voz do poder de Estado, revelou extraordinária valentia, firmeza, organização e espírito de auto-sacrifício.

E cumpriu com dignidade a sua missão histórica.

A classe operária criou um novo aparelho de Estado, enviando para ele os seus melhores representantes, e encabeçou a direcção das empresas industriais.

Os operários desempenharam um papel decisivo na formação do Exército Vermelho. A maioria dos operários capazes de empunhar armas incorporou-se nas Forças Armadas Soviéticas e constituiu o seu núcleo. Nas hostilidades participaram, por exemplo, 64% dos metalúrgicos e cerca de 60% dos tecelões.

A classe operária da Rússia trabalhou com enorme entusiasmo e abnegação nas empresas, garantindo às tropas tudo o que era necessário.

Com o correr da guerra, porém, as forças e os recursos da classe operária iam diminuíndo.

O proletariado enviou os seus melhores representantes para o exército e o aparelho de Estado. Na guerra, sofreu enormes perdas — nas frentes, na guerrilha e nas mãos dos carrascos no território ocupado pelo inimigo. Parte dos operários não resistiu à miséria e às privações, abandonou as cidades e foi trabalhar para o campo. O número de operários, que já no passado não era grande, reduziu-se ainda mais.

Mas, de todas as maneiras, a classe operária soube, ainda que a um preço muito elevado, encontrar forças para resistir, conservar o poder de Estado e obter a vitória militar. Foi uma prova convincente da sua capacidade de resistir à pressão inimiga e guiar as massas nas condições mais desfavoráveis.

Em estreita aliança com a classe operária actuaram as camadas proletárias e semiproletárias do campo, isto é, os camponeses pobres e os assalariados rurais. Falando sobre estas camadas, não se pode deixar de assinalar que delas foi própria uma certa vacilação no contexto da revolução e da guerra civil. A revolução agrária, realizada no campo após a vitória da Revolução de Outubro, provocou alterações radicais nos diversos estratos do campesinato. Na etapa final da guerra civil, a percentagem de camponeses pobres e assalariados rurais diminuiu para 35 a 40% (nas vésperas da revolução era de 65%). Os ex-assalariados e camponeses pobres receberam terra e transformaram-se em camponeses médios. Eram camadas politicamente próximas da classe operária.

No decurso da revolução socialista no campo, desenvolvida em 1918, os camponeses mais pobres, inicialmente pouco organizados, souberam, sob a direcção e com a ajuda directa do proletariado, elevar a sua coesão e consciência. Tal como o proletariado urbano, os camponeses pobres suportaram, nos anos da guerra civil, grandes dificuldades materiais. Deram os seus melhores representantes ao Exército Vermelho e ao aparelho soviético de base, sofreram grandes baixas na luta armada contra a burguesia rural, foram perseguidos e arruinados aquando da ocupação e, portanto, extenuados e debilitados.

Por isso, num contexto em que o proletariado urbano e os camponeses pobres se opunham conjuntamente às forças unificadas da contra-revolução, adquiria importância decisiva a posição dos camponeses médios, que se transformaram na camada populacional mais numerosa do campo. Em 1919-1920, 55 a 60% de todas as explorações rurais pertenciam aos camponeses médios (nas vésperas da revolução — 20%).

Os camponeses médios apoiaram incondicionalmente a Revolução de Outubro e os seus decretos. Ganharam muito com a revolução, tornando-se donos da maior parte da terra antes na posse dos latifundiários. Mais tarde, porém, em 1918, os camponeses médios vacilaram e ocuparam uma posição neutral na luta em curso no país. Os camponeses médios manifestaram descontentamento pelo facto de o Poder Soviético ter limitado o comércio privado de cereais (esta limitação foi ditada pela necessidade de concentrar nas mãos do Estado as escassas reservas de víveres necessários para abastecer as cidades e o exército com pão).

O monopólio estatal de comércio de cereais foi energicamente combatido pela burguesia rural, que com eles especulava. O Poder Soviético, os operários e os camponeses pobres optaram por opôr um travão a essas acções da burguesia rural.

A estratificação sócio-política do campesinato contribuiu para o crescimento da consciência e da

actividade política dos camponeses pobres e médios. Os camponeses médios acabaram por apoiar energicamente o Poder Soviético. Esta viragem ficou a dever-se, em grande medida, à experiência adquirida pelo campesinato nos territórios ocupados pelos invasores e contra-revolucionários. O camponês viu com os seus próprios olhos que a vitória da contra-revolução significava o regresso dos latifundiários, a perda da terra recebida e a restauração do odiado velho regime.

A mudança de posição dos camponeses médios, que se tornou evidente no Outono de 1918, tornou possível uma firme aliança entre eles e a classe operária. A linha do Estado Soviético (firmemente apoiado nos camponeses pobres) com vista ao estabelecimento de uma aliança com os camponeses médios, mantendo paralelamente a luta contra a burguesia rural (linha proclamada por Lénine no Outono de 1918 e formalizada nas resoluções do VIII Congresso do Partido Comunista, em Março de 1919), compreendia-se perfeitamente, pois alargava a base classista do Poder Soviético.

A aliança com os camponeses médios teve, em conformidade com a situação do momento, um carácter político-militar. Dado que nesse período de dura guerra o Estado Soviético era incapaz de satisfazer as necessidades materiais dos camponeses médios, a aliança com eles tinha por base factores de ordem militar e política: o Poder Soviético defendia os camponeses médios e a sua terra, e os camponeses entregavam ao Estado todos os excedentes da sua produção, assegurando, assim, o abastecimento das cidades e do exército com matérias-primas e víveres.

A aliança da classe operária com a massa pequeno-burguesa do campesinato revelou-se sólida, resistindo às provas da guerra. A esmagadora maioria dos camponeses médios apoiou com bastante determinação e firmeza o Poder Soviético e opôs-se à contra-revolução. Foi um dos mais importantes factores que definiram a correlação de forças de classe.

Finalmente, no período da guerra, também a maioria dos trabalhadores das regiões nacionais passaram para o lado do Poder Soviético. A luta por ganhar a sua adesão esteve no centro da batalha de classes dessa altura. As cúpulas exploradoras nacionais procuravam cingir o movimento libertador dos trabalhadores a um quadro estritamente nacionalista, opondo um povo ou etnia aos outros e declarando que não existiam conflitos sociais dentro das nações, mas sim e apenas conflitos entre as nações. Esta linha, orientada contra o Poder Soviético e a revolução socialista, favorecia objectivamente a contra-revolução russa.

O Poder Soviético obteve, porém, a vitória na luta pelas massas trabalhadoras das regiões nacionais. A estratificação dos povos do país multinacional decorreu, antes de mais, de acordo com o princípio classista.

Neste sentido, a política nacional do Poder Soviético, que combinava uma atitude classista com o respeito pelas características nacionais específicas dos povos, foi de enorme importância. O Poder Soviético, proclamando e concretizando consequentemente os princípios da igualdade dos povos, e apoiando por todos os meios a formação dos seus Estados nacionais, não menosprezando as tradições nacionais, mas mostrando, na prática, que a verdadeira libertação nacional era impossível sem a libertação social, conseguiu o activo apoio da maioria dos trabalhadores das regiões nacionais.

A correlação das forças de classe não foi constante, nos anos da guerra civil: ambas as partes

A defesa do país e das conquistas revolucionárias era dirigida por **Vladímir Ilitch Lénine,** chefe do primeiro Governo Soviético.

V. I. Lénine no seu escritório do Kremlin. Moscovo, Outubro de 1918.

◀

V. I. Lénine dirige a palavra a tropas que partem para a guerra. Moscovo, 1920.

◀

atravessaram períodos de consolidação de umas posições e enfraquecimento de outras. Os factores positivos e negativos interligaram-se e criaram um quadro complexo e contraditório. Mas a correlação global das forças de classe foi progressivamente mudando em favor da revolução.

Esta correlação alterava-se de acordo com a marcha das operações militares e dependia, em certo grau, da extensão dos territórios nas mãos de uma ou de outra parte. Por seu turno, a própria marcha das hostilidades dependia decisivamente da correlação das forças de classe.

Unidade política do Estado Soviético

O campo da Revolução diferentemente do campo contra-revolucionário, era unido e coeso. Esta circunstância, ditada pela lógica intrínseca das coisas, expressava-se de diversas maneiras.

O proletariado, consolidando a aliança com o campesinato, manteve firmemente o poder nas suas mãos. Formara-se um sistema político que se apoiava nas amplas camadas trabalhadoras.

Como se sabe, nas anteriores épocas históricas, a detenção do poder de Estado e do mecanismo administrativo era uma prerrogativa e uma enorme

grande e média burguesia industrial e comercial — deixaram de existir como força sócio-económica, embora parte delas oferecesse ainda encarniçada resistência; a burguesia rural encontrava-se muito debilitada.

O proletariado e o campesinato transformaram-se assim nas principais classes da sociedade, formando-se entre si uma estreita aliança. A esmagadora maioria da população encontrava-se unida na sua aspiração de defender as conquistas revolucionárias e o Poder Soviético, aceitando por isso conscientemente as privações e os sacrifícios.

Os trabalhadores convenceram-se, pela sua própria experiência, de que a política do campo contra-revolucionário era diametralmente oposta à do Poder Soviético. Nos territórios dominados pela contra-revolução, as empresas eram devolvidas aos seus antigos patrões, e a terra aos latifundiários, prosperava o comércio privado que enriquecia a burguesia. As organizações dos trabalhadores eram dissolvidas, e as camadas pobres da cidade e do campo eram tratadas com especial fúria, como «plebe».

A política classista do Poder Soviético visava, com toda a decisão, defender os interesses dos operários e camponeses.

Compreende-se assim que os contra-revolucionários e invasores não tenham conseguido ganhar o povo para o seu lado. A base social destas camadas não só não se alargou como, pelo contrário, se estreitou ainda mais durante a guerra. Os próprios representantes dos sectores contra-revolucionários reconheceram (por mais de uma vez) que a superioridade político-moral não estava do seu lado e que as massas operárias e camponesas não os apoiavam. Mais — a maior parte da população dos

territórios provisoriamente ocupados pelas forças contra-revolucionárias, inclusive as camadas que antes haviam hesitado, afastou-se dos contra-revolucionários, incorporando-se progressivamente na luta pelo restabelecimento do Poder Soviético.

Esse progressivo afastamento tornou-se regra. Assim aconteceu na Sibéria, nos Urais, no Norte, no Cáucaso do Norte, na Ucrânia e nas demais regiões. Se, numa série de casos, a contra-revolução conseguiu alargar os territórios por ela ocupados, este alargamento, longe de a reforçar, debilitou-a. Precisamente por isso, apesar de a contra-revolução ter conservado, em certos momentos, mais de três quartos do território nacional nas suas mãos, as perspectivas da sua vitória, longe de se aproximarem, foram-se tornando cada vez mais ténues.

Sob o ponto de vista político-moral, a correlação de forças também foi favorável ao Poder Soviético durante toda a guerra civil.

A Revolução possuía não só uma superioridade quantitativa em apoio por parte das principais camadas populacionais. Tinha do seu lado factores essencialmente novos. A sua superioridade político-moral traduzia-se na nova *qualidade* que revestia o apoio popular.

Fora o próprio povo, dirigido pelo Partido Bolchevique, que realizara uma revolução, fora ele próprio que criara o Estado Soviético e era ele que defendia agora a sua revolução e o seu Estado.

Cresceu incomensuravelmente a actividade das massas. Como disse V. Lénine, as camadas mais baixas elevaram-se ao nível da criação histórica. * As massas não só apoiaram o Partido Comunista e o Poder Soviético. Foram elas que, da forma mais activa, através de inúmeras manifestações de ener-

* V. I. Lénine. Obras Completas, v. 35, p. 189.

nos meses mais difíceis, quando a situação da República era extremamente perigosa, é bem significativo. Eis um exemplo: no Outono de 1919, foi promovida uma «semana do partido», que coincidiu com o momento de rápido avanço das tropas de Deníkin em direcção a Moscovo e das tropas de Iudénitch rumo a Petrogrado. Os novos militantes do partido sabiam que — em caso de vitória da contra-revolução — só teriam a esperar a prisão ou a forca. Sabiam que a adesão ao partido não conferia vantagens nem privilégios, trazendo apenas dificuldades e perigos. «Não prometemos nem garantimos quaisquer vantagens aos que pretendem incorporar-se no partido — escreveu V. Lénine por ocasião da «semana». — Pelo contrário, os militantes do partido depararão com um trabalho mais difícil e mais perigoso que o normal». *

Nos anos da guerra civil, foi criada e fortalecida uma rede de organizações comunistas no campo. Criadas com a ajuda directa do proletariado, elas congregavam os camponeses de vanguarda, em primeiro lugar os camponeses pobres.

Antes de 1917, praticamente não existiam núcleos comunistas no campo. Em 1917, existiam 203 organizações comunistas camponesas; em 1919— 2285 e em 1920 — 4868.

Em inícios de 1918, o partido contava nas suas fileiras com 16,7 mil camponeses, ou seja, 14,5% do número total de militantes. Nos começos de 1920, havia já 108 400 camponeses comunistas (25,1%), e em inícios de 1921 — 165 300 (28,2%).

Nunca em nenhum país os partidos comunistas e socialistas haviam contado com tantos camponeses. Na Rússia, o partido gozava de importante apoio por parte da massa camponesa.

---

* V. I. Lénine. Obras Completas, v. 39, p. 225.

O Partido Comunista gozava de ilimitado prestígio político no território da República dos Sovietes.

Os partidos burgueses, dado que eram declaradamente contra-revolucionários, desapareceram totalmente da cena política. As tentativas dos seus relativamente poucos representantes de travarem uma actividade subversiva e terrorista foram energicamente paralisadas pelo Estado Soviético.

Como já assinalámos, os partidos pequeno-burgueses também praticamente passaram para o lado da contra-revolução. Parte dos líderes e activistas desses partidos que permaneceram no território soviético optaram pela clandestinidade, organizando motins contra-revolucionários e actos de sabotagem e terrorismo.

As tentativas de parte de líderes socialistas-revolucionários e mencheviques de manobrarem não lhes trouxeram, porém, qualquer êxito. Na revolução e, mais tarde, durante a guerra civil, os trabalhadores compreenderam que as acções dos partidos pequeno-burgueses não tinham nada a ver com os interesses populares. Em 1919-1920, o número de mencheviques, socialistas-revolucionários e anarquistas nos Sovietes (urbanos, provinciais, distritais e rurais) tornou-se ínfimo.

Os partidos pequeno-burgueses, outrora relativamente grandes, desagregaram-se: os seus militantes de base passaram para o lado do Poder Soviético, enquanto os líderes oportunistas aderiam definitivamente ao campo contra-revolucionário.

Este processo fez com que, no fim da guerra civil, os partidos pequeno-burgueses da Rússia se encontrassem praticamente sem qualquer base de massas.

Só um partido político expressava, de facto, os interesses das mais amplas massas trabalhadoras,

defendendo-os até ao fim. Só um partido era verdadeiramente revolucionário e popular — o Partido Comunista (Bolchevique) da Rússia. Compreende-se por isso que ele se tenha transformado no único partido da República Soviética. Todos os demais partidos e grupos, apesar das suas manobras demagógicas, foram obrigados a abandonar a cena política.

5. FORMAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS

Superioridade provisória das forças contra-revolucionárias

O carácter classista e a superioridade do Estado Soviético revolucionário sobre as forças da contra-revolução manifestaram-se com muita nitidez quando se colocou o problema da criação das Forças Armadas. As experiências das guerras revolucionárias provam que as classes dominantes têm, no início, superioridade em quadros de comando. Isso é natural, pois a máquina da opressão, que se aperfeiçoa ao longo de gerações, compreende obrigatoriamente um experiente corpo de oficiais privilegiados.

Por outro lado, as classes oprimidas não têm, normalmente, acesso aos cargos de comando no exército nem possibilidades de adquirir conhecimentos militares. Todavia, na guerra revolucionária, costumam destacar-se das camadas populares quadros militares talentosos. Além disso, o exército revolucionário utiliza, via de regra, formas mais modernas e flexíveis de luta armada.

A Grande Revolução Francesa (revolução burguesa vitoriosa) comprova-o.

No que respeita aos quadros militares, a Rússia não era excepção. Pelo contrário, certas particularidades do desenvolvimento histórico do país fizeram com que os quadros militares ao dispor das

classes exploradoras fossem especialmente numerosos. Devia-se isso tanto às numerosas guerras travadas pela Rússia, como à política colonialista do czarismo, que exigia medidas militares suplementares para garantir «em obediência» os povos oprimidos.

Por força desses factores, na Rússia surgira e se desenvolvera muito uma forma específica de criação de quadros militares privilegiados — os «corpos cossacos». O «corpo cossaco» constituía uma unidade administrativo-territorial. Os cossacos residentes nos respectivos territórios militares tinham mais terra e vários outros privilégios. Com a população cossaca formavam-se unidades militares, predominantemente de cavalaria. Os «corpos cossacos» (em número de 11) eram bastante grandes, tanto pelo número como pelo território ocupado, que se estendia das margens do Don e do Cáucaso do Norte ao Extremo Oriente. *

As classes dominantes da Rússia tinham, pois, ao seu dispor uma grande força militar.

A guerra imperialista reforçou, em certo grau, as posições dos capitalistas e latifundiários neste domínio. Para o corpo de oficiais foram recrutados os representantes da burguesia urbana, da nobreza, dos funcionários, da intelectualidade burguesa e até da burguesia rural, que nos tempos de paz nada tinham a ver com o ofício militar.

Simultaneamente — e num grau muito maior — a guerra debilitou as posições dos exploradores. O velho corpo de oficiais sofreu sérias baixas físicas

* Em 1916, os territórios ocupados pelos «corpos cossacos» — do Don, do Kuban, do Térek, de Ástrakhan, dos Urais, de Orenburgo, da Sibéria, dos Sete Rios, da Transbaikália, da região do Ussúri e do Amur — contavam com cerca de 4,5 milhões de habitantes. No mesmo ano, cerca de 285 mil cossacos prestavam serviço militar.

e diminuiu em número. A incorporação de novas forças debilitou a unidade classista da oficialidade e provocou nela uma estratificação política, ao mesmo tempo que fazia surgir no seu seio tendências democráticas. A própria guerra, que pôs a descoberto os vícios do regime, influiu enormemente sobre a oficialidade russa.

Assim surgiram as premissas objectivas que haveriam de permitir, no futuro, a adesão da oficialidade democrática à revolução.

Finalmente, a guerra de 1914-1918, provocando o recrutamento de operários, camponeses e representantes da intelectualidade democrática, deu-lhes experiência militar. Este facto facilitou e acelerou a preparação de quadros de comando revolucionários. Como já se assinalou, teve particular importância o facto de, nos fins de 1917-inícios de 1918, o velho exército ter deixado de existir como força organizada, não podendo ser utilizado nem pela revolução nem pela contra-revolução.

Quando eclodiu a guerra civil, ambas as partes beligerantes depararam com a necessidade de criar os seus exércitos regulares, com os respectivos quadros militares e seguros sistemas de mobilização, formação e treino das tropas.

Os contra-revolucionários tinham uma inegável superioridade inicial em quantidade e qualidade de quadros militares experientes. Essa superioridade permitiu-lhes formar as suas Forças Armadas quase exclusivamente numa base de classe.

Um dos mais vivos exemplos disso foi dado pelo exército voluntário, cuja formação começou em fins de 1917, na região do Don, sob a direcção de M. Alekseev e L. Kornílov (mais tarde, o comando deste exército seria assumido por A. Deníkin). No exército «branco» incorporaram-se os voluntários que alimentavam um ódio de classe pelo Poder So-

viético. Nessa força predominavam oficiais e ex-alunos das escolas militares superiores. Muitos oficiais (inclusivé os que tinham patentes de primeiro tenente e capitão) combateram na qualidade de soldados rasos. Não foram raros os casos de companhias e até de batalhões inteiros constituídos exclusivamente por oficiais. Evidentemente que estas forças eram pouco numerosas (4 mil homens, no começo de 1918).

No Verão de 1918, o exército contra-revolucionário da Sibéria contava com cerca de 40 mil homens, dos quais 10 mil eram oficiais (metade combatia como praças) e outros 30 mil voluntários — vindos da burguesia, dos latifundiários, dos camponeses ricos e do funcionalismo.

As unidades constituídas por oficiais contra-revolucionários e voluntários burgueses estavam bem organizadas, treinadas e disciplinadas e eram firmes e tenazes nos combates.

De início, os contra-revolucionários esperavam obter uma vitória só com estas forças, relativamente pouco numerosas, valendo-se também do apoio dos cossacos e dos invasores estrangeiros e dos motins organizados na retaguarda soviética.

Nesse período, a República Soviética quase não tinha Forças Armadas. O Exército Vermelho, inicialmente constituído numa base voluntária, estava ainda em formação e praticamente não tinha quadros de comando. A utilização de oficiais do velho exército não passava, ainda, de uma decisão. Além disso, as Forças Armadas Soviéticas encontravam-se dispersas por enormes territórios.

Inicialmente, a contra-revolução obteve êxitos inegáveis. Num pequeno lapso de tempo, no Verão de 1918, as forças invasoras e contra-revolucionárias, relativamente pouco numerosas, conseguiram ocupar a Sibéria, o Extremo Oriente, os Urais, parte da região do Volga e o Norte do país. Os cossacos «brancos» da região do Don tentaram uma ofensiva em direcção a Moscovo.

Após uma série de reveses, o exército voluntário de Deníkin conseguiu conservar o seu núcleo e, conjuntamente com as tropas cossacas do Kuban e do Térek, apoderou-se, na segunda metade de 1918, de quase todo o Cáucaso do Norte.

Todavia, a superioridade militar provisória da contra-revolução não lhe trouxe vitória definitiva. Esta superioridade não foi (nem podia ser) aproveitada.

Vantagens decisivas das Forças Armadas Revolucionárias

Os exércitos contra-revolucionários, relativamente pouco numerosos, actuavam num meio hostil. Avançando, deixavam uma retaguarda ocupada, mas indómita. Actuando em grandes territórios, viam-se obrigados a desconcentrar as suas forças. Entretanto, a resistência do Exército Vermelho ia crescendo. Apesar das forças austro-germânicas ocuparem grandes áreas e não obstante as conspirações e os motins, o Estado Soviético soube, logo no Verão de 1918, enviar unidades militares bastante combativas, embora relativamente pouco numerosas, para as direcções mais perigosas.

Os contra-revolucionários sofreram sensíveis baixas nas Frentes Leste (Volga, Kazan, Samara, Sízran, Simbirsk) e Sul (Tsarítsin e Vorónej). As tropas «brancas» não só não avançaram em direcção ao centro do país, como foram obrigadas a recuar.

A guerra assumia um carácter prolongado. Contingentes cada vez maiores iam sendo arrastados

para ela; os exércitos tornavam-se cada vez mais numerosos. Com o decorrer da luta, a inicial superioridade militar da contra-revolução ia diminuindo de mês para mês, ao passo que as vantagens das forças revolucionárias cresciam constantemente.

Os cossacos não eram uma camada homogénea, quer do ponto de vista sócio-económico, quer político. Na revolução e na guerra civil, esta heterogeneidade foi-se cada vez mais fazendo sentir. Enquanto os cossacos ricos permaneciam fiéis ao velho regime, as camadas pobres e médias gravitavam cada vez mais em torno do Poder Soviético.

A estratificação sócio-política dos cossacos fez com que as unidades cossacas partidárias da contra-revolução diminuíssem em número e perdessem grande parte da sua capacidade combativa.

A aspiração dos comandantes contra-revolucionários mobilizarem os operários e camponeses para as suas tropas deparou invariavelmente com a activa resistência dos mesmos. Os «brancos» não conseguiram formar qualquer aparelho mobilizador bastante organizado e centralizado. Deste modo, a sua tarefa de formar um exército numeroso e combativo viu-se assim ainda mais dificultada.

No entanto, os exércitos «brancos» tornaram-se numerosos ainda na segunda metade de 1918 e, sobretudo, em 1919. Na Primavera de 1919, Koltchak dispunha dum exército de 400 mil homens, mais de 130 mil dos quais em combate. No Verão de 1919, os efectivos do exército de Koltchak, apesar de grandes baixas sofridas nos combates, aumentaram de novo, graças a novas mobilizações. Em Maio de 1919, Deníkin tinha 100 mil e, em Julho, 150 mil soldados. No Outono de 1919, as tropas de Deníkin foram reforçadas após mobilizações de camponeses nas regiões meridionais do país. Todavia, o aumento dos efectivos dos exércitos contra-revolucionários, ligado inevitavelmente à perda da sua homogeneidade social, provocou uma brusca queda da sua capacidade combativa. O antagonismo classista entre o oficial voluntário e o camponês mobilizado reduziu drasticamente a esperança da contra-revolução de obter êxito na guerra civil — uma guerra contra os operários e camponeses. Com o correr dos combates, os oficiais de carreira iam sendo mortos, e a contra-revolução viu-se incapaz de criar um sistema estável e permanente de preparação de novos quadros militares.

Por seu turno, o Poder Soviético encarou a tarefa de criar um exército organizado e combativo. Foi criado um aparelho de mobilização que, para essa época, funcionava com bastante precisão e segurança. * Foi fundado um exército numeroso, correctamente estruturado e com grandes reservas. Como já assinalámos, inicialmente era um exército voluntário. Todavia, à medida em que as hostilidades cresceram de intensidade, tornou-se patente a necessidade de ter um exército regular, disciplinado e bem organizado.

Uma das razões das derrotas sofridas pelas tropas soviéticas, no Verão de 1918, consistiu precisamente na sua deficiente organização, fraca preparação militar e isolamento.

No dia 29 de Maio de 1918, o Governo decretou a mobilização para o Exército Vermelho. Em Julho do mesmo ano, o V Congresso Nacional dos Sovietes confirmava juridicamente esse decreto.

* Logo em começos de Abril de 1918, o Conselho dos Comissários do Povo (governo) decretou a criação de comissariados militares distritais, provinciais e regionais. Nos fins de 1918, existiam 39 comissariados militares provinciais, 385 distritais e cerca de 7 mil comissariados de concelho. Simultaneamente, foi criado um sistema de preparação militar geral.

Os efectivos do exército cresceram rapidamente, graças a mobilizações sistemáticas (inicialmente locais e, mais tarde, gerais). Enquanto na etapa de formação voluntária o exército contava com 150 a 300 mil combatentes, nos fins de 1918 os seus efectivos aproximaram-se do milhão de homens.

V. Lénine escreveu, em Outubro de 1918: «Decidimos ter um exército de 1 milhão de homens para a Primavera. Mas, hoje, precisamos dum exército de 3 milhões de homens. Podemos tê-lo. *E tê-lo-emos*». *

Durante 1919, foram promovidas seis mobilizações de nove grupos etários. Graças a isto, o Exército Vermelho aumentou em mais de 1 milhão e 300 mil homens. No fim da guerra (Outono de 1920), o Exército Vermelho contava com 5,5 milhões de homens.

As mobilizações atraíam inevitavelmente enormes massas camponesas ao exército. Paralelamente ao crescimento dos seus efectivos, o Exército Vermelho ia-se tornando predominantemente camponês. Todavia, o seu núcleo continuou a ser integrado por representantes da classe operária — antes de mais, os operários russos de Moscovo, Petrogrado e dos centros industriais da Rússia Central, dos Urais e da região do Volga.

Várias centenas de milhares de operários ** recrutados cimentaram a massa camponesa e constituíram um apoio firme para os comandantes e comissários no treino militar e no trabalho de formação das tropas.

O problema da formação do Exército Vermelho como exército regular e disciplinado suscitou sérios e agudos debates práticos e teóricos. As opiniões divergiam no que respeitava à necessidade de uma direcção centralizada no exército, à nomeação do seu comando, à exigência de uma rigorosa disciplina e à utilização dos quadros militares do velho exército. Os que se opunham a essas soluções afirmavam que a introdução duma disciplina regulamentada e a nomeação dos comandantes significaria o regresso ao velho exército, ao velho regime. Segundo eles, o novo exército deveria ser absolutamente diferente do velho. Estes indivíduos consideravam que o cumprimento incondicional das ordens, próprio de toda a disciplina militar, significava o abandono da democracia; para eles, a criação do comando e abastecimento centralizados equivalia a instaurar a burocracia.

Foi, porém, o problema de saber se se deveria ou não recorrer aos velhos quadros militares que suscitou a maior polémica. Havia quem encarasse a possibilidade de utilizar velhos quadros militares como violação do princípio classista de formação do exército, como medida muito perigosa, prenhe de consequências nocivas para a causa revolucionária.

A luta em torno dos princípios de formação do exército adquiriu muita acuidade no VIII Congresso do PCUS (Primavera de 1919). Cerca de 40 delegados, a chamada «oposição militar», manifestaram-se contra a utilização dos velhos quadros militares e a introdução da disciplina regulamentada. Após uma tensa e violenta discussão, o congresso aprovou a linha defendida pelo Comité Central.

V. Lénine dispensou muita atenção aos problemas da formação do exército regular, argumentando a sua necessidade histórica. Lénine frisou que o exército regular «é próprio do poder consolidado

---

* V. I. Lénine. Obras Completas, v. 37, p. 99.

** No fim da guerra, as avaliações davam, para o exército (não contando a marinha), 630 a 760 mil operários, ou seja, 15 a 18% dos efectivos.

de qualquer classe, inclusive do proletariado».* V. Lénine chamou mais de uma vez a atenção para o carácter nocivo do «guerrilheirismo». «O guerrilheirismo», os seus vestígios trouxeram ao nosso exército muito mais desgraças, derrotas, catástrofes e perdas humanas e materiais do que todas as traições cometidas por velhos quadros militares» ** — assinalou.

No processo de formação do novo exército, e com base na experiência (assinale-se que a guerra é implacável, e uma tal experiência paga-se com sangue), as opiniões erradas foram eliminadas, e o partido desenvolveu princípios claros e concisos de formação do exército, que demonstraram a sua justeza.

Logo em Março de 1918, as eleições para o cargo de comandante do exército foram abolidas, e os comandantes passaram a ser nomeados. Progressivamente, foi-se recorrendo aos velhos quadros militares.

Comandantes vermelhos

Como se pode compreender, alguns oficiais do velho exército, movidos pelo ódio de classe aos operários e camponeses, traíram a República Soviética e mudaram-se para o campo dos invasores e contra-revolucionários, causando, desse modo, grande prejuízo ao Estado. *** Não obstante, grande

* V. I. Lénine. Obras Completas, v. 38, p. 287.

** Ibid., v. 39, pp. 56—57.

*** Por exemplo, as traições de Vikkorst e Potapov, que comandavam as forças navais e terrestres em Arkhanguelsk, facilitaram a captura desta cidade pelos invasores. A traição de Mákhin, comandante dás tropas soviéticas em Ufá, permitiu a ocupação da cidade pelos checos. Também traíram o Poder Soviético o chefe do Estado-Maior da Frente Sul, Kovalévski, o comandante adjunto da mesma frente, Nossóvitch, e alguns outros militares.

parte da velha oficialidade serviu honestamente o poder popular. De meados de 1918 a meados de 1920, para o Exército Vermelho foram recrutados cerca de 50 mil ex-oficiais e generais do velho exército, bem como mais de 10 mil funcionários e para cima de 40 mil médicos militares.

Dezenas de milhar de oficiais trabalharam nas instituições militares centrais e nos Estados-Maiores das unidades e ocuparam cargos de comando em regimentos, divisões, exércitos e frentes. Merecem destaque célebres comandantes do Exército Vermelho como A. Iegórov, P. Lébedev, A. Nikolaev, A. Samoilo e A. Chórin.

O coronel Serguei Kámenev colocou-se, sem hesitar, em defesa da Revolução e foi nomeado comandante da Frente Leste e, mais tarde, comandante-em-chefe das Forças Armadas Soviéticas. O coronel Boris Chápochnikov foi, durante a guerra civil, chefe da secção operacional do Estado-Maior de Campanha do Conselho Revolucionário Militar da República. Mais tarde, o marechal Chápochnikov ocuparia o cargo de chefe do Estado-Maior General do Exército Vermelho.

Mikhail Tukhatchévski, filho dum nobre de Smolensk, participou na Primeira Grande Guerra com a patente de primeiro tenente. Ligando o seu destino à Revolução (aderiu, em 1918, ao Partido Bolchevique), tornou-se um destacado chefe militar da escola militar soviética. Em 1918, Tukhatchévski, que tinha na altura 25 anos, comanda o I Exército da Frente Leste, que liberta Simbirsk (cidade natal de Lénine), Sizran e outras cidades. Depois, como comandante do 5º Exército, participa nos combates pela libertação dos Urais e da Sibéria. A sua unidade percorreu mais de 4 mil kms, do Volga ao lago Baikal. O talentoso chefe militar é nomeado comandante da Frente do Cáucaso e, mais

tarde, está de novo no sector decisivo da luta, comandando a Frente Ocidental.

Ficou na história o nome de Dmítri Kárbichev, célebre engenheiro militar que participou nas guerras russo-japonesa e Primeira Mundial. Entre 1918 e 1920, Kárbichev dirigiu a construção de regiões fortificadas e participou na demolição de Koltchak e Vranguel. Aquando da Grande Guerra Patriótica (1941-1945), o tenente-general Kárbichev foi feito prisioneiro pelos nazis. Estes tentaram por todos os meios que Kárbichev passasse para o seu lado. Todavia, nem as promessas, nem as torturas conseguiram quebrar a vontade do patriota. Os nazis submeteram-no a terrível execução.

O recurso aos velhos quadros militares foi, claro está, encarado também do ponto de vista de classe. Esses quadros, na sua maioria oriundos das classes outrora privilegiadas, colocaram-se ao serviço do Poder Soviético, participando na luta armada contra as forças contra-revolucionárias.

Toda a actividade dos quadros militares era controlada, antes de mais, pelos comissários militares, que tinham grandes poderes. O V Congresso dos Sovietes assinalou, em resolução, que aos comissários militares fora «confiado o destino do exército». A eles competia o trabalho de formação política nas Forças Armadas, a responsabilidade, juntamente com os comandantes, pelo cumprimento das ordens de combate; sempre que necessário, os comissários militares orientavam também a actividade dos próprios comandantes.

Paralelamente aos especialistas do velho exército, os quadros de comando eram integrados também por homens vindos do povo. Logo nos primeiros combates, adquiriram experiência e forjaram-se como chefes militares ex-praças, oficiais de

baixa patente e indivíduos que num passado recente eram operários, camponeses ou estudantes. Com o correr da luta, dezenas de milhares de homens talentosos tornaram-se comandantes.

Semión Budiónni foi um dos chefes militares soviéticos mais populares da guerra civil. Filho dum camponês da região do Don, Budiónni participou nas guerras russo-japonesa e Primeira Mundial. Depois da revolução socialista, organizou, no Cáucaso do Norte, um destacamento de cavalaria de combate à contra-revolução. Mais tarde, o destacamento foi transformado em divisão de cavalaria.

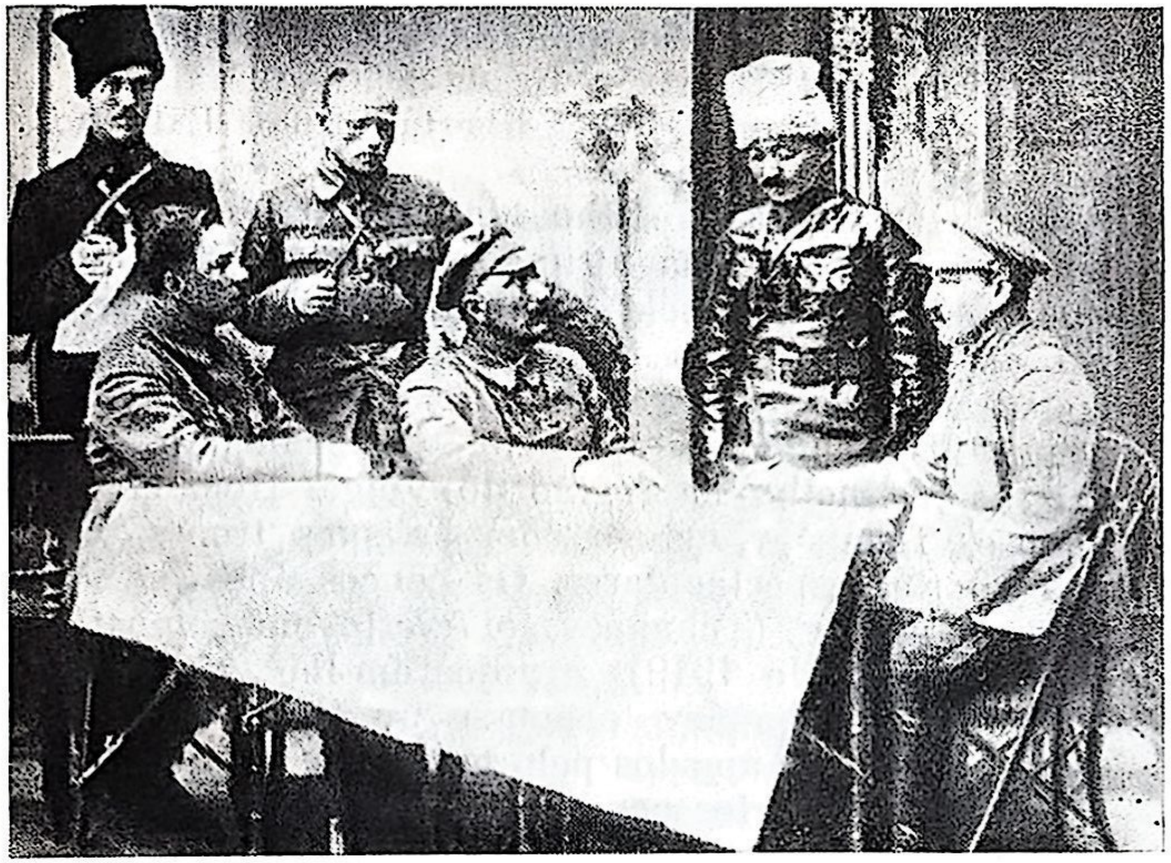
No Outono de 1919, Budiónni foi nomeado comandante do legendário Iº Exército de Cavalaria, sobre o qual se escreveram estudos científicos, romances e peças teatrais, canções. Budiónni, homem robusto, possuía uma rara valentia pessoal e talento congénito de chefe militar. Era alheio a qualquer rotina e actuou sempre com engenho e audácia. Mais tarde, Budiónni foi um dos primeiros Marechais da União Soviética.

Vassíli Bliúkher, operário, filho de camponês, entrou no Partido Bolchevique em 1916. Aquando da Primeira Guerra Mundial, era oficial de baixa patente. Participou activamente na luta pelo estabelecimento do Poder Soviético e comandou, no início de 1918, os destacamentos da Guarda Vermelha que derrotaram as tropas «brancas» de Dútov. No Verão de 1918, Bliúkher dirigiu 10 mil guerrilheiros no Sul dos Urais. Este exército realizou, em 40 dias, uma marcha de mais de 1500 kms pela retaguarda do inimigo, conseguindo unir-se às tropas soviéticas na Frente Leste. Por esta façanha, Bliúkher recebeu a primeira condecoração com a ordem «Bandeira Vermelha», a mais elevada condecoração soviética da altura. Bliúkher participou na demolição das tropas de Koltchak e co-

Comandantes vermelhos — heróis da Guerra Civil.

Frente Leste, 1918.
O comandante de divisão V. I. Tchapáev (à direita).

1918.
M. N. Tukhatchévski, Comandante do Primeiro Exército da Frente Leste.



Conferência do Estado-Maior da Quarta Divisão de Cavalaria.
Sentados:
K. E. Vorochílov e S. M. Budiónni (primeiro e segundo à esquerda). De pé, à direita, vê-se o comandante de divisão O. Gorodovikov.
Frente Leste, 1920.

O comandante de divisão I. P. Uborévitch examina o mapa de operações militares. Frente Norte, 1919.

mandou a 51ª Divisão que libertou a Crimeia, em Novembro de 1920. A partir de 1921, Bliúkher comandou as tropas que libertaram o Extremo Oriente.

Vassíli Tchapáev, filho de carpinteiro rural, também combateu na Primeira Guerra Mundial, sendo condecorado pela valentia de que deu provas em combate com três cruzes de São Jorge, a maior condecoração militar do exército czarista. Em 1917, Tchapáev organizou destacamentos da Guarda Vermelha na região do Volga. Homem talentoso, Tchapáev obteve com as suas tropas várias vitórias espectaculares. Os poucos anos de actividade militar (Tchapáev foi morto em combate, em Setembro de 1919) granjearam-lhe fama em todo o país. Tchapáev tornou-se um dos heróis da guerra civil mais amados pelo povo.

Entre os lendários comandantes do Exército Vermelho figuram ainda os nomes do calmuco Oka Gorodovikov, do ex-ferreiro russo Stepan Vostretsov, do filho de camponês lituano Jerónimo Uborévitch e do ucraniano Ivan Fedkó, ex-alferes do exército czarista.

Muitos jovens comandantes daqueles anos tornaram-se depois, durante a Grande Guerra Patriótica, destacados dirigentes militares.

O Marechal da União Soviética Gueórgui Júkov comandou, durante a guerra civil, um esquadrão de cavalaria; o Marechal Konstantin Rokossóvski um regimento de cavalaria e o Marechal Leonid Góvorov um grupo de artilharia.

Também revolucionários profissionais e dirigentes do partido se tornaram organizadores do Exército Vermelho.

Mikhail Frunze, bolchevique desde 1904, passou mais de sete anos nas prisões do regime czarista, foi deportado e duas vezes condenado à morte. De-

pois da vitória da revolução, em que participou activamente, Frunze combateu nas frentes da guerra civil. Homem de talento, de grande força de vontade e culto, Frunze tornou-se um destacado cabo de guerra soviético, comandando as Frentes Leste e Sul.

Kliment Vorochílov, filho de operário ferroviário e serralheiro, ainda na juventude ligou o seu destino ao partido, ao qual aderiu em 1903. Quando da primeira revolução russa, em 1905, dirigiu, na cidade de Lugansk (hoje Vorochilovgrado) a formação de destacamentos operários de combate. Destacado militante do partido, Vorochílov incorporou-se, depois da revolução, na actividade militar. Em Março de 1918, organizou o I Destacamento Socialista de Lugansk, que defendeu Khárkov contra os invasores austro-germânicos. Mais tarde, comandou as tropas que combateram em Tsarítsin e, juntamente com Budiónni, participou na organização do I Exército de Cavalaria. Depois da guerra civil, foi durante 15 anos comandante-em-chefe das Forças Armadas da URSS e Marechal da União Soviética.

Valerian Kúibichev, homem esbelto e de rosto fino, era filho de oficial. Ao iniciar, tradicionalmente, os estudos num corpo de cadetes, Kúibichev entrou, em 1904, com 16 anos, no Partido Bolchevique. Antes da revolução, teve uma vida cheia de perigos e privações e em 1917 chefiou a organização do partido em Samara, participando activamente na luta pelo estabelecimento do Poder Soviético na região do Volga. Kúibichev foi um dos mais destacados organizadores e dirigentes políticos do Exército Vermelho.

Em diversas frentes trabalharam como organizadores e dirigentes políticos também Andrei Bub-

1920. M. V. Frunze, Comandante da Frente Sul, passa revista às tropas.

nov, Serguei Gússev, Serguei Kírov, Grigori Ordjonikidze e Ióssif Stálin.

Para fazer face à necessidade de criar novos quadros de comando, foi criada uma ampla rede de estabelecimentos de ensino militar — cursos, escolas e academias militares.

Em fins de 1918, havia na República 63 estabelecimentos de ensino militar; em fins de 1920— 153. Durante a guerra, formaram-se nesses estabelecimentos cerca de 40 mil comandantes militares. Perto de 25 mil comandantes foram preparados directamente no exército activo e nos cursos de divisão e exército.

Os representantes das camadas trabalhadoras constituíram a maioria dos alunos desses estabelecimentos (em 1920, mais de 80% dos diplomados dos cursos e das escolas militares foram operários e camponeses). Mais de metade eram comunistas.

Ia crescendo invariavelmente o número de comandantes oriundos do povo. No fim da guerra civil, os ex-oficiais constituíam 34% dos quadros de comando (cerca de 6% eram ex-oficiais de carreira e cerca de 28% ex-oficiais do tempo da guerra).

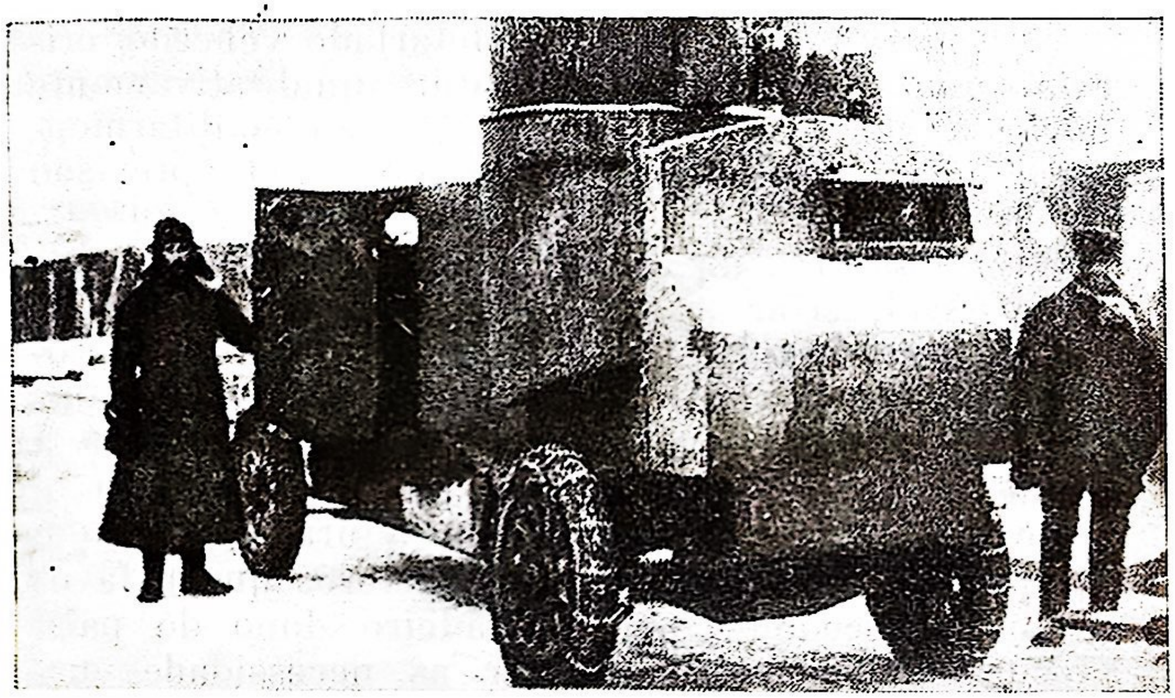
O sistema de estabelecimentos de ensino militar, montado no período da guerra, visava não só satisfazer as necessidades urgentes em oficiais, como também preparar quadros qualificados necessários à posterior formação dum exército moderno. Não se pode deixar de lembrar que, nessa altura, a formação de quadros militares era tarefa mais difícil do que antes, pois nas novas condições históricas

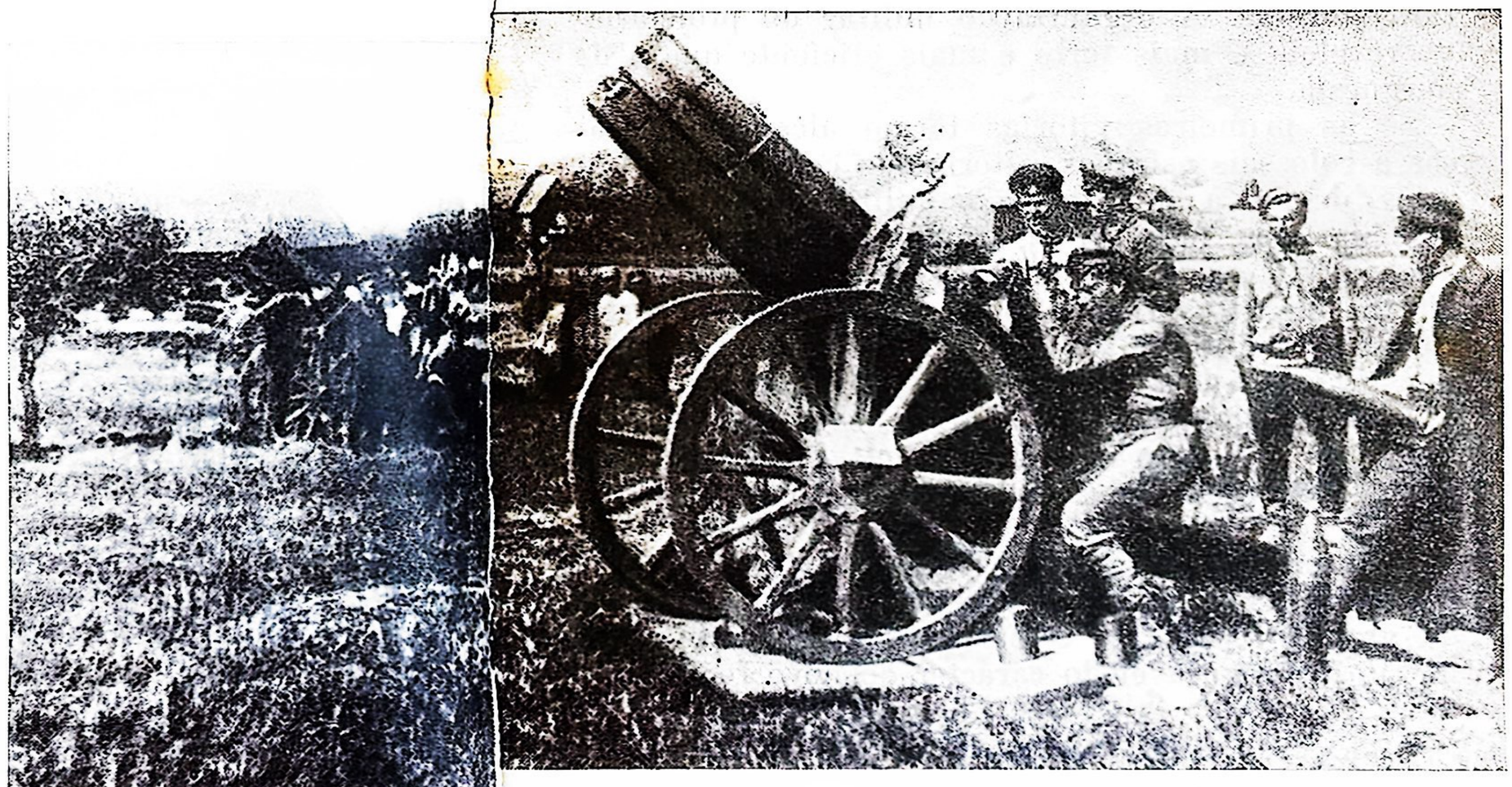
Frente Oeste, 1920. S. M. Budiónni e K. E. Vorochílov visitam uma unidade militar.

a guerra exigia conhecimentos especiais muito maiores.

Ampla atracção de oficiais do velho exército e hábil conjugação destes com os jovens comandantes oriundos do povo — esta a política que garantiu a superioridade cada vez maior sobre os contra-revolucionários no domínio dos quadros, superioridade que se foi tornando patente de mês para mês.

O instituto dos comissários militares, correspondente ao espírito da revolução e determinado pelas necessidades práticas, assegurou o devido controlo sobre os representantes da velha oficialidade e, antes de mais, uma activa instrução política dos combatentes.





1919. Frente Oeste. Nessa altura, o Exército Vermelho estava já munido de material bélico e armamentos, incluindo carros blindados e peças de artilharia.

F. Engels previu que o proletariado vencedor criaria uma organização militar qualitativamente nova. A sua criação deveria traduzir, militarmente, a emancipação do proletariado. * Esta previsão concretizou-se.

O proletariado da Rússia soube, no mínimo prazo possível, criar a sua própria organização militar, os seus próprios quadros militares, o seu próprio exército de operários e camponeses. Tirou das mãos da burguesia a vantagem provisória que a posse de um exército organizado lhe conferia e aproveitou, com grande envergadura, precisão e perspectiva histórica, todos os factores que o favoreciam. Procedeu como verdadeiro dono do país, procurando não só satisfazer as necessidades urgentes, como também levar em consideração as futuras tarefas. A organização militar do proletariado revelou-se mais forte e mais eficiente que a da burguesia.

Se as primeiras vitórias foram alcançadas graças a colossais esforços, alternando com graves derrotas, devido à superioridade militar dos contra-revolucionários, nas últimas etapas da guerra, graças ao heroísmo dos combatentes e comandantes, as vitórias eram já resultado da multilateral superioridade do Exército Vermelho. O heroísmo em massa, a consciência política e a clara compreensão dos objectivos da guerra foram completados com uma boa organização (para aquela época), preparação dos quadros de comando e crescida mestria militar.

A formação do Exército Vermelho teve êxito, e o próprio exército obteve a vitória porque foi obra da grande revolução. O carácter do Exército Vermelho é inseparável do carácter do novo regime social, de todo o sistema de relações formadas entre as classes da Rússia Soviética e das transformações operadas em todos os domínios da vida nacional. Este facto foi destacado por V. Lénine: «A experiência obtida pelo Poder Soviético na formação das Forças Armadas não pode ser encarada como uma experiência isolada. A guerra inclui todos os tipos de todas as esferas da edificação. A formação do nosso exército deu bons resultados apenas porque decorreu no espírito da edificação geral do sistema soviético e na base de correlações classistas, que se reflectem em qualquer edificação». *

* Marx K., Engels F. Obras, v. 7, p. 509. Ed. russa.

* V. I. Lénine. Obras Completas, v. 40, pp. 76—77.

6. CRIAÇÃO DUMA ECONOMIA DE GUERRA

A invencibilidade do Poder Soviético reflectiu-se também na criação duma economia de guerra — produção de armas, munições e fardamento.

Primeiramente, ambas as partes combateram valendo-se, antes de mais, das velhas reservas, que eram bastantes, pois a Rússia travara uma guerra imperialista que exigira o armazenamento de grandes quantidades das mais variadas armas, munições e fardamento. Todavia, com o decorrer da guerra civil, começou a manifestar-se a diferença entre as partes beligerantes.

Os contra-revolucionários não souberam criar qualquer economia de guerra minimamente séria. Consumiram as reservas que tinham e, desde o Outono de 1918, depositaram cada vez mais as suas esperanças na ajuda da Entente. Esta ajuda foi bastante grande e melhorou, sem dúvida, a situação dos exércitos contra-revolucionários.

O facto de o abastecimento externo ter sido a sua maior fonte de meios de combate, confirma de novo a fraqueza interna da contra-revolução e a sua carência de base na Rússia.

O Poder Soviético pelo contrário soube mobilizar todos os recursos do país para as necessidades da defesa e desenvolver a produção de material de guerra em larga escala. Como Lénine frisou por mais de uma vez, o país era uma fortaleza sitiada. E inexpugnável.

Mas, para isso, foi necessário vencer colossais dificuldades: falta de matérias-primas e combustíveis *, perturbação — devido à ocupação inimiga de certas áreas — das relações económicas, enormes dificuldades com a alimentação e ausência quase total de contactos com outros países, devido ao bloqueio imperialista. Tudo isto exigiu incríveis esforços, energia, iniciativa criadora, organização e persistência. Todas as dificuldades foram vencidas, embora a um preço elevadíssimo.

O Exército Vermelho absorvia a maior parte dos escassos recursos do país. Em 1920/21, o exército obteve 40% dos tecidos de algodão, 70 a 100% de outros tecidos, 90% do calçado de homem e 60% do açúcar, da carne e do peixe.

Tudo isto exigia da população enormes sacrifícios. Mas não havia outro caminho.

Porém, o facto é que um país arruinado e, além disso, privado durante muitos meses de grande parte do seu território, soube suportar um confronto militar e económico com o mundo capitalista, cujos recursos económicos eram praticamente inesgotáveis.

O Exército Vermelho recebeu, nos anos da guerra, cerca de 4 mil canhões, 8 milhões de projécteis, 2,5 milhões de espingardas e 1,5 biliões de cartuchos. ** As unidades do Exército Vermelho,

---

* No Outono de 1918, nas mãos dos invasores e contra-revolucionários estavam regiões que, antes da guerra, forneciam 85% do minério de ferro, 90% do carvão, quase todo o petróleo e 75% da gusa e do aço.

** Em 1919—1920, o Exército recebeu mais de 5,6 milhões de capotes, 4 milhões de fardamentos de Verão e mais de 10 milhões de pares de calçado militar.

que actuavam nas direcções-chave, tinham mais material (canhões e metralhadoras) do que o exército pré-revolucionário.

Estes números mostram com evidência a força e a organização do novo regime nascido com a revolução socialista.

A indústria de guerra, claro está, não surgiu do nada. A sua criação foi facilitada pelo facto de as regiões industrialmente desenvolvidas terem sido a base da revolução. Todavia, não se deve esquecer que, em certos períodos, a contra-revolução também possuiu regiões industriais (Urais, Bacia do Donets e outras). Mas, os contra-revolucionários só minimamente conseguiram aproveitar os recursos industriais dessas regiões.

As reservas de víveres foram o único aspecto em que a contra-revolução teve superioridade inegável durante toda a guerra civil. Este facto deve-se, inteiramente, às particularidades geográficas: as principais regiões cerealíferas do país (Sibéria, Ucrânia e Cáucaso do Norte) estiveram muito tempo nas mãos dos invasores e contra-revolucionários.

A criação duma economia de guerra eficiente só foi possível graças às transformações socialistas operadas na indústria nacional.

«Começámos a construir a nova economia em moldes absolutamente novos, tendo rejeitado tudo o que era velho — disse V. Lénine. — Se não tivéssemos metido mãos à obra, teríamos sofrido uma derrota total logo nos primeiros meses, nos primeiros anos». *

A nacionalização da indústria, operada nos anos da guerra civil, deu ao Estado a possibilidade de aproveitar todos os recursos industriais no interesse da defesa. Por isso, embora o nível da produ-

Moscovo, 1920. Durante um «sábado comunista».

* V. I. Lénine. Obras Completas, v. 45, p. 75.

ção industrial tenha diminuído muito (e não podia ser de outra maneira, devido às destruições praticadas pelos invasores e contra-revolucionários, à falta de matérias-primas, combustíveis e mão-de-obra e ao desgaste das máquinas e dos mecanismos), as empresas da indústria de guerra aumentaram a produção necessária ao exército.

Foi levada a cabo uma rigorosa centralização na distribuição de matérias-primas, combustíveis e produtos. Com base na obrigação geral de trabalhar * (em conformidade com o princípio: quem não trabalha, não come), foi possível garantir a mão-de-obra às empresas da indústria de guerra.

Os operários qualificados e técnicos eram desmobilizados do Exército Vermelho e enviados centralizadamente para as empresas militares. O abastecimento de víveres aos trabalhadores destas empresas era melhor.

A aplicação do princípio de concentração de forças nos sectores de produção mais importantes teve grande importância na organização da indústria de guerra.

Os êxitos desta indústria teriam sido impossíveis se a classe operária não manifestasse heroísmo laboral. A literatura histórica cita inúmeros factos e dados, que dão provas de inéditos esforços laborais empreendidos pelos operários soviéticos. O trabalho quotidiano em locais frios, a permanente subnutrição e, consequentemente, o esgotamento físico, exigiam esforços colossais e eram, de facto, uma façanha diária.

Eram praticados em larga escala trabalhos extraordinários para cumprir as mais urgentes encomendas do exército — produção e reparação de material de guerra e meios de transporte e reconstrução das ferrovias e pontes destruídas.

Quando parte dos operários ia combater, respondendo às mobilizações, os demais assumiam parte das suas tarefas de produção.

O heroísmo laboral do proletariado russo foi confirmado pelos «sábados comunistas» (trabalho voluntário nos dias feriados). Ao nascer, na Primavera de 1919, como resposta dos operários de vanguarda ao apelo do partido para que se empenhassem todos os esforços no combate à ofensiva de Koltchak, os sábados comunistas tornaram-se logo habituais em todo o país. Centenas de milhares de pessoas participaram nos sábados comunistas, em 1920. V. Lénine, que qualificou os sábados comunistas como «grande iniciativa», sublinhou especialmente a abnegação dos seus participantes. Lénine escreveu que operários famintos «trabalham nas horas extraordinárias, *sem qualquer remuneração*, e *elevam enormemente a produtividade do seu trabalho*, apesar do facto de estarem cansados, extenuados e esgotados pela subnutrição. Não será isto uma façanha colossal?». *

* A decisão de decretar o trabalho geral obrigatório foi aprovada pelo III Congresso Nacional dos Sovietes, em Janeiro de 1918, e fixada no Código das Leis do Trabalho, em Dezembro do mesmo ano.

* V. I. Lénine. Obras Completas, v. 39, p. 21.

7. NAS FRENTES E NA RETAGUARDA

Particularidades das operações nas frentes da guerra civil

A luta armada entre as forças da revolução e da contra-revolução russas durou vários anos. Pelo menos mais de dois anos e meio foram preenchidos por hostilidades em larga escala, em consequência das quais a balança se inclinava ora para um ora para outro lado. A luta armada assumiu o carácter duma verdadeira guerra, com a participação de grandes exércitos regulares e o emprego de todos os tipos de armamento moderno.

Via de regra, qualquer guerra prolongada tem etapas de diversa intensidade e tenacidade. Períodos de batalhas decisivas alternam com certas tréguas. Assim foi também durante a guerra civil na Rússia.

Meses de primeiros combates encarniçados com as forças contra-revolucionárias dispersas, em fins de 1917 e inícios de 1918, e duma luta dura e desigual contra os exércitos austro-germânicos cederam lugar a uma relativa «trégua», na Primavera de 1918.

O desencadeamento da invasão anglo-franco-nipo-americana, o motim do corpo checoslovaco e as insurreições contra-revolucionárias puseram termo à trégua e provocaram duros combates nas mais diversas partes do país. Embora os exércitos, que

participavam nos combates, por ambos os lados, fossem relativamente pouco numerosos, a luta era dura e prolongada e não trouxe vantagens decisivas nem às forças da revolução nem às da contra-revolução.

A pouco e pouco, definiram-se as linhas da frente e as posições geográficas das partes em conflito. A envergadura da luta ia crescendo e provocou as maiores batalhas, travadas ao longo de quase todo o ano de 1919. As vitórias decisivas do Exército Vermelho sobre as tropas de Koltchak, Denikin e Iudénitch, em 1919, e a expulsão dos invasores trouxeram, de novo, uma trégua pouco duradoura. Porém, as ofensivas lançadas pelas restantes tropas contra-revolucionárias (Vranguel) e por uma força externa (Polónia burguesa) provocaram novas grandes e sangrentas batalhas.

A alternância das diversas etapas da guerra era provocada por muitos factores de carácter social, político, económico e militar. Porquanto a guerra civil estava entrelaçada com uma intervenção imperialista, tinham enorme importância também os factores de carácter internacional (a marcha da guerra entre as potências imperialistas, o seu termo, os acontecimentos revolucionários na Europa, a situação política nos países que participavam na intervenção, as contradições entre os países imperialistas, etc.).

A guerra civil diferia duma guerra «normal» entre os países também porque, em muitas ocasiões, a escolha de regiões para a ofensiva e de direcções dos golpes principais era determinada por diversas circunstâncias sócio-políticas.

As tropas soviéticas faziam todo o possível para assumir o controlo sobre regiões com uma população predominantemente operária (Urais e Bacia do Don), enquanto que os «brancos» pretendiam ocu-

par, antes de mais, as regiões cossacas. O comando soviético levou em consideração o nível de desenvolvimento das guerrilhas na retaguarda inimiga e as acções das organizações bolcheviques clandestinas. O comando contra-revolucionário depositou as suas esperanças em motins anti-soviéticos, acções terroristas e na traição dos velhos quadros militares.

De todas as maneiras, a estratégia militar teve, de preferência, um carácter de classe e político.

As enormes dimensões do território abrangido pela guerra atribuíram aspecto nitidamente original a toda a marcha das hostilidades.

Em fins de 1918, as linhas da frente extendiam-se por mais de 10 mil km. Na Primavera de 1919, só a linha da Frente Leste tinha quase 2 mil km de comprimento, estendendo-se desde as florestas do Norte dos Urais às estepes do baixo Volga.

Além das frentes principais, que ladeavam a Rússia central pelo Norte, Sul, Leste e Oeste, em épocas diversas existiram frentes locais (sobretudo na Ásia Central, no Casaquestão, na Sibéria e no Extremo Oriente). Em 1919, eram as frentes Transcáspia, de Aktiúbinsk, de Semirétchie, e em 1920, da Transbaikália, do Amur e outras.

As hostilidades eram travadas nas mais diversas condições climáticas — nos desfiladeiros do Cáucaso e da Ásia Central, nos desertos do Turquestão, nas estepes da Ucrânia, da região do Volga e do Cáucaso do Norte, na taigá siberiana, nas florestas da Bielo-Rússia e da província de Arkhânguelsk e nas planícies da província de Oriol. Nem o implacável frio da Iakútia nem o insuportável calor do deserto de Kara Kum puseram termo aos combates.

A enorme extensão das frentes reduziu ao mínimo a guerra de posições. Houve, porém, alguns casos de defesa obstinada e prolongada de certas cidades (Tsarítsin e Grózni em 1918, Orenburgo e, sobretudo, Uralsk em 1919). Esta defesa foi assegurada pelas tropas soviéticas, que revelaram muita firmeza e abnegação.

Entrega da honrosa Bandeira Revolucionária ao Primeiro Exército de Cavalaria, na pessoa de Budiónni.

No Outono de 1920, os combatentes da Frente Sul frustraram uma tentativa dos «brancos» de passarem a uma guerra de posições e de se refugiarem além das fortificações do istmo de Perekop, na Crimeia.

Deste modo, as operações tiveram, de preferência, um carácter de manobra e desenvolveram-se, via de regra, na ausência de frentes contínuas. As tropas avançaram, com frequência, ao longo dos grandes rios (Volga, Dniepr, Ural, Kama, Don, Dviná Setentrional) e, sobretudo, por caminhos de ferro. Na maioria dos casos, as tropas avançaram com elevada rapidez, apesar do mau estado das vias de transporte e da falta de vagões e locomotivas.

A elevada mobilidade das operações e a extensão dos teatros fizeram com que aumentasse o papel das grandes unidades de cavalaria. De início, a vantagem neste aspecto pertenceu à contra-revolução, que soube utilizar com êxito as unidades móveis constituídas basicamente por cossacos.

Mas, também neste aspecto, a revolução soube por termo as vantagens do inimigo. Foi formada a cavalaria soviética, que logo se consolidou como importante corpo de combate.

No Outono de 1919, foi formado o I Exército de Cavalaria que demonstrou, numa série de encarniçados combates, a sua superioridade sobre a cavalaria contra-revolucionária, transformando-se num punho de choque das tropas soviéticas em ofensiva. Este exército rompeu as frentes inimigas nos combates contra Deníkin, os polacos e Vranguel e realizou audazes marchas pela retaguarda inimiga.

O desencadeamento das operações em grandes territórios, ao longo dos caminhos de ferro, elevou a importância dos comboios militares. Eles foram

utilizados em quase toda a parte e em larga escala. Em muitos casos, eram adaptações de vagões e plataformas «civis» sobre as quais se instalavam canhões e metralhadoras protegidos por sacos de areia e outro material.

Flotilhas militares actuaram energicamente nos rios e lagos. Na maioria dos casos, eram constituídas por vapores, rebocadores e barcaças «civis» providos de armamento. Em 1918/1919, as acções de flotilhas fluviais tiveram grande envergadura no Volga e seus afluentes.

As operações de combate do período da guerra civil caracterizaram-se por acções de grandes contingentes militares na retaguarda do inimigo. No Verão de 1918, o chamado «Exército Vermelho de Taman» (com cerca de 20 mil combatentes), isolado das principais forças soviéticas, em consequência das acções dos invasores alemães, do exército voluntário e dos contra-revolucionários cossacos, realizou uma heróica marcha de muitos dias pela retaguarda inimiga. Incursões para além das linhas da frente foram empreendidas também pelas tropas «brancas» (por exemplo, no Outono de 1919, na altura duma ofensiva de Deníkin contra Moscovo, o corpo de cavalaria de Mámontov realizou uma marcha na retaguarda do Exército Vermelho).

Avaliando a marcha geral das operações, deve frisar-se que o Poder Soviético aproveitou as possibilidades para manobras estratégicas muito melhor que a contra-revolução.

As tropas soviéticas assestaram golpes ao inimigo sucessivamente, escolhendo habilmente as direcções para os golpes principais e transferindo as reservas, à medida em que era preciso, do centro para o Leste, do Leste para o Sul e Ocidente. A superioridade estratégica esteve invariavelmente

com o Estado Soviético, inclusive nos momentos mais duros, quando o inimigo se aproximava de Moscovo e Petrogrado.

A luta na retaguarda

As operações nas frentes tiveram, sem dúvida, importância decisiva para o resultado final da guerra civil. Ao mesmo tempo, assinale-se a grande envergadura e tenacidade da luta desencadeada nas retaguardas de ambas as partes.

A luta dos trabalhadores nos territórios ocupados pelos invasores e contra-revolucionários não cessou um único dia. Guerrilhas surgiram na Ucrânia, Bielo-Rússia e no Báltico, imediatamente após a ocupação destas regiões pelos invasores austro-germânicos e contribuíram muito para o seu fracasso. Destacamentos de guerrilheiros actuaram energicamente em 1918 e 1919 na província de Arkhânguelsk. Uma verdadeira guerra contra as tropas de Deníkin eclodiu, em 1919, na Ucrânia, na região do Don e no Cáucaso do Norte. *

Os guerrilheiros siberianos (cerca de 100 mil homens) desorganizaram praticamente a retaguarda de Koltchák no Outono de 1919. Dezenas de milhares de guerrilheiros travaram uma prolongada e tenaz luta contra os invasores e contra-revolucionários no Extremo Oriente.

O facto de os destacamentos guerrilheiros terem constituído regimentos, brigadas, divisões e até exércitos demonstra a envergadura da acção guerrilheira e a boa organização das guerrilhas.

Mencione-se também o surgimento na retaguarda inimiga de regiões inteiras libertadas pelos guerrilheiros. No Outono de 1919, os guerrilheiros libertaram quase toda a parte montanhosa do Daguestão. Em inícios de 1919, surgiu na província de Ienissei (Sibéria) a república guerrilheira soviética de Tasseev. Numerosas regiões libertadas existiram noutras províncias da Sibéria, no Casaquestão, no Extremo Oriente, na Ucrânia e no Cáucaso do Norte.

O movimento guerrilheiro era, de preferência, camponês e espontâneo. Todavia, em quase toda a parte o Partido Bolchevique fez com que este movimento fosse bem organizado. As organizações comunistas clandestinas atribuíram muita atenção ao desenvolvimento da guerrilha e a uma direcção correcta da mesma.

Os trabalhadores das regiões ocupadas pelos contra-revolucionários utilizaram as formas mais variadas de luta. Os operários e camponeses recusavam-se a prestar serviço nas tropas «brancas» e a pagar impostos, opondo-se energicamente às requisições. As greves tornaram-se fenómeno muito divulgado.

Um grande papel na desorganização da retaguarda contra-revolucionária foi desempenhado por incessantes insurreições nas cidades e aldeias. Embora muitas delas tenham sido espontâneas, o movimento popular desenvolveu-se, em geral, sob a direcção dos comunistas, porque as organizações do partido continuaram a sua actividade nas mais difíceis condições da clandestinidade. As organizações comunistas clandestinas, apesar de terem sofrido grandes baixas, não foram liquidadas praticamente em nenhuma das regiões ocupadas. Pelo contrário, elas cresceram e robusteceram-se. O proletariado foi um suporte fiel e seguro das organizações do partido.

* 15 mil guerrilheiros combateram nas regiões de Novorossiisk, Guelendjik e Tuapsé. Em fins de 1919, a guerrilha ucraniana contava com 50 mil combatentes.

A luta, bastante aguda aquando da revolução, tornou-se especialmente encarniçada. Nos territórios ocupados, os contra-revolucionários e invasores exterminavam sistematicamente não só os revolucionários mais ou menos activos e os indivíduos que participavam na resistência ao seu regime, como liquidavam também muitos operários e camponeses simples.

Na segunda metade de 1918, os contra-revolucionários fuzilaram cerca de 23 mil pessoas nas treze províncias ocupadas. De Agosto de 1918 a Agosto de 1919, 17% da população da Região do Norte passou pelas prisões e os campos de concentração. No mesmo período, 38 mil pessoas estiveram encarceradas na prisão de Arkhânguelsk, e 8 mil delas foram fuziladas. Assinale-se que toda a população da província era de 400 mil pessoas.

A literatura histórica cita inúmeros factos de fuzilamento em massa de soldados soviéticos presos e feridos, assim como de guerrilheiros, operários e camponeses pobres. Os contra-revolucionários praticaram em larga escala a criação de campos de morte (por exemplo, na ilha de Mudiug e na península de Iókanga, na Região Norte).

Grupos inteiros de comunistas e activistas dos Sovietes foram executados sem processo nem julgamento. Assim foram assassinados 26 comissários de Baku *, entre eles S. Chaumián, M. Azizbekov, A. Djaparidze e I. Fioletov.

* Comuna de Baku — república soviética que existiu na Primavera e no Verão de 1918, em Baku e noutras regiões do Azerbaidjão. A Comuna de Baku foi derrubada pelas forças contra-revolucionárias internas e externas, em fins de Julho de 1918. Os seus dirigentes foram levados para a Região Transcáspia, então nas mãos dum Governo socialista-revolucionário e dos invasores ingleses. Por ordem do comando inglês, os comissários de Baku foram fuzilados no deserto.

A gestão dos «governos» de ditadores contra-revolucionários fazia-se acompanhar, por toda a parte, de desenfreada violência, repressão em massa, massacres.

1919. Durante o enterro de operários da cidade de Novonikoláevsk (actual Sverdlovsk), mortos sob tortura por títeres de Koltchak.

Vítimas de uma carnificina em Omsk, «capital» de Koltchak. Ano de 1919.

As tropas turcas e os nacionalistas do Azerbaidjão (musavatistas), que se apoderaram de Baku a 15 de Setembro de 1918, massacraram cerca de 30 mil habitantes pacíficos.

Dezenas de milhares de pessoas foram mortas pelos contra-revolucionários e invasores nos Urais e na Sibéria. As tropas de Koltchak torturaram e fuzilaram mais de 25 mil homens e açoitaram publicamente 200 mil, na província de Iekaterinburgo.

I. Sukin, um ministro do «governo» de Koltchak, declarou com cinismo: «Os fuzilamentos e as execuções eram implacáveis». Os cadáveres dos activistas executados eram pendurados nos postes telegráficos, ao longo do Transiberiano. Os passageiros dos comboios observavam este quadro com filosófica indiferença. Aldeias inteiras eram queimadas totalmente» *.

Numerosos factos provam a crueldade sem precedentes dos contra-revolucionários, que queimavam homens em fornos de locomotivas e navios (em Maio de 1920, assim foram executadas as destacadas figuras do movimento revolucionário S. Lazó, A. Lútski e V. Sibírtsev e o presidente do Soviete de Ust-Kamenogorsk, I. Uchakov) e enterravam-nos vivos.

Pela sua sádica crueldade e barbárie «destacaram-se» os bandos de contra-revolucionários na Ásia Central.

Nos fins da guerra civil, paralelamente ao ódio classista, registou-se aparecimento de grande número de pessoas endurecidas pela guerra; eram homens que, devido às incessantes hostilidades, haviam perdido o equilíbrio psíquico e o respeito

* L. Spirin. Derrota do exército de Koltchak. M., 1957, p. 38. Ed. russa.

pela lei e as normas habituais das relações humanas.

A contra-revolução incentivava os mais baixos instintos, numa tentativa de aproveitá-los para o desencadeamento do terror e a intimidação da população. O terror «branco» recrudesceu também devido à depravação moral dos contra-revolucionários e a um sentimento geral de desespero.

Deve acrescentar-se que os massacres perpetrados pelos contra-revolucionários constituíram um dos factores que fizeram com que os elementos hesitantes e enganados (sobretudo intelectuais) se afastassem do campo contra-revolucionário.

Numerosos documentos, assim como as memórias dos próprios contra-revolucionários, confirmam que os motivos classistas e o ódio classista foram um dos motivos básicos do terror em massa. O desejo de «punir» e «dominar» a «plebe amotinada», de vingar-se dos «brutos que se imaginaram senhores», o desprezo e o ódio pela «plebe» eram o móbil das acções dos oficiais contra-revolucionários «civilizados», dos enforcamentos e fuzilamentos de homens inocentes.

As tropas intervencionistas tomaram parte neste terror. A ocupação da Ucrânia, Bielo-Rússia, das regiões do Báltico e outras, pelas tropas austro-germânicas, foi acompanhada por massacres em massa de representantes de todos os movimentos e organizações progressistas, de todos quantos manifestavam descontentamento pelo regime de ocupação. As tropas americanas, inglesas, japonesas e francesas, desembarcadas no Norte, no Sul e no Extremo Oriente, também praticaram fuzilamentos e massacres de população pacífica.

Houve numerosos casos em que as tropas americanas e japonesas bombardearam e queimaram al-

deias inteiras e massacraram os seus habitantes, na Sibéria e no Extremo Oriente.

Estes factos foram confirmados pelos próprios participantes da intervenção. O general Graves, comandante das tropas americanas na Sibéria, reconheceria, mais tarde: «As crueldades eram tais que, sem dúvida alguma, o povo russo recordá-las-á inclusive 50 anos depois».

Como é natural, o endurecimento classista existiu também do outro lado da barricada. Seria ingénuo supor que o ódio pelos exploradores, que haviam praticado a opressão e a humilhação durante séculos, poderia traduzir-se apenas de forma «académica».

O terror «branco» provocou o ódio e a ira do povo. Todavia, durante todos os primeiros anos posteriores à revolução, o Partido Bolchevique, o Poder Soviético e a direcção política do Exército Vermelho procuraram manifestar a maior moderação possível. O Exército Vermelho era um exército altamente disciplinado, humano e justo e respeitava a legalidade revolucionária.

Punindo os inimigos, os órgãos do Poder Soviético procuraram manifestar tolerância e atenção pelas camadas médias hesitantes e para com os elementos instáveis.

A contra-revolução desencadeou o seu terror não só nos territórios por ela ocupados, como também na retaguarda soviética — antes de mais nada, motins e conspirações, praticados ao longo de toda a guerra civil. Estas acções tiveram características diversas, e nelas participaram forças políticas diversas. Houve motins e conspirações abertamente «brancos», com uma grande influência dos monarquistas e «cadetes» (por exemplo, a conspiração do «Centro Nacional» de 1919, em Moscovo e Petrogrado); «mistos» — com a participação de oficiais

«brancos» e socialistas revolucionários de direita (o motim de Iaroslavl, em 1918, e as conspirações e os motins organizados em 1918 pela chamada «Aliança de Defesa da Pátria e Liberdade», sob a direcção de diplomatas estrangeiros); motins de socialistas revolucionários de esquerda (o motim de Moscovo e o motim de Julho de 1918, na Frente Leste, foram os maiores); e motins da burguesia rural (129 motins da burguesia rural registaram-se na segunda metade de 1918, em 16 províncias da Federação Russa). Todos eles foram acompanhados por liquidações em massa de comunistas, activistas dos Sovietes e partidários do Poder Soviético dentre os operários e camponeses mais pobres.

Na altura do motim de Iaroslavl, um dos mais sangrentos (os combates na cidade duraram 16 dias), foram torturadas pelos «brancos» centenas de homens dedicados ao Poder Soviético.

Cerca de 15 mil operários e camponeses pobres foram mortos nos motins da burguesia rural, em Julho-Setembro de 1918, em 22 províncias do país.

Logo após a revolução, os inimigos do Poder Soviético desencadearam terror individual contra os dirigentes do Partido Comunista. O tom foi marcado pelos socialistas revolucionários de direita. Foram organizados vários atentados contra a vida de V. Lénine. A 30 de Agosto de 1918, F. Kaplan feriu gravemente o guia da revolução. No Verão de 1918, em Petrogrado, foram assassinados os destacados dirigentes soviéticos V. Volodárski e M. Uritski, e em Setembro de 1919 foi dinamitado o edifício do Comité de Moscovo do Partido Comunista. A explosão matou V. Zagórski, secretário do comité de Moscovo do PC, e mais 11 comunistas.

Não eram raros os incéndios de depósitos e empresas militares (em Maio de 1920, na Federação Russa foram destruídos cerca de 20 depósitos e

empresas militares), as destruições de pontes e aquedutos e os descarrilamentos de comboios com víveres.

Deste modo, o terror «branco» na retaguarda soviética, assumindo largas proporções e as mais cruéis, implacáveis e variadas formas, constituiu um colossal perigo para a República Soviética.

O Estado Soviético viu-se obrigado a tomar as mais enérgicas e duras medidas para pôr fim ao terror «branco». As decisões do Comité Executivo Central, de 2 de Setembro, e do Conselho dos Comissários do Povo, de 5 de Setembro de 1918, anunciaram o terror vermelho: «A segurança da retaguarda através do terror é uma necessidade vital...» — dizia-se na resolução do Conselho dos Comissários do Povo. «...É necessário proteger a República Soviética contra os inimigos de classe, isolando-os em campos de concentração..., serão fuzilados todos os indivíduos implicados nas organizações, nas conspirações e nos motins 'brancos'...».

Os factos demonstram que o Estado Soviético manifestou, inicialmente, humanismo e condescendência para com os seus adversários políticos. Até Setembro de 1918, os órgãos da CEN não fuzilaram um único inimigo do Estado Soviético. Todavia, esta tolerância não podia continuar, porque encerrava o perigo de transformar-se em fraqueza. No entanto, também depois o número dos contra-revolucionários reprimidos não foi grande (em comparação com o número de vítimas do terror «branco»). Até Fevereiro de 1919, as comissões extraordinárias fuzilaram, en 23 províncias, 5496 criminosos (dos quais cerca de 800 criminosos comuns).

A vingança foi, sem dúvida, forçada. Albert Rhys Williams, um escritor americano progresista e testemunha da revolução, assinalou que o ter-

Um comício por ocasião da partida de um destacamento de jovens comunistas para a guerra contra Vranguel. Num dos cartazes, lê-se: «A Crimeia será tomada, custe o que custar!».

ror vermelho era uma medida de resposta ao terror «branco» da contra-revolução.

Nessas condições, poupar o inimigo significava prejudicar a revolução. Logo que a situação nas frentes e na retaguarda melhorou, o Poder Soviético (já nos inícios de 1919) tomou medidas para limitar a actividade das comissões extraordinárias. Mais tarde (em Janeiro de 1920), apesar da continuação da guerra civil, o Governo Soviético decretou a abolição da pena de morte.

* * *

A guerra civil terminou, na maioria das regiões do país, nos fins de 1920. Em Novembro de 1920, as tropas da Frente Sul, comandadas por M. Frunze, assaltaram as fortificações do istmo de Pere-

kop, que protegiam as vias de acesso à Crimeia, onde se concentravam as tropas do barão Vranguel, sucessor de Deníkin. O assalto a Perekop foi um dos acontecimentos mais memoráveis da guerra civil.

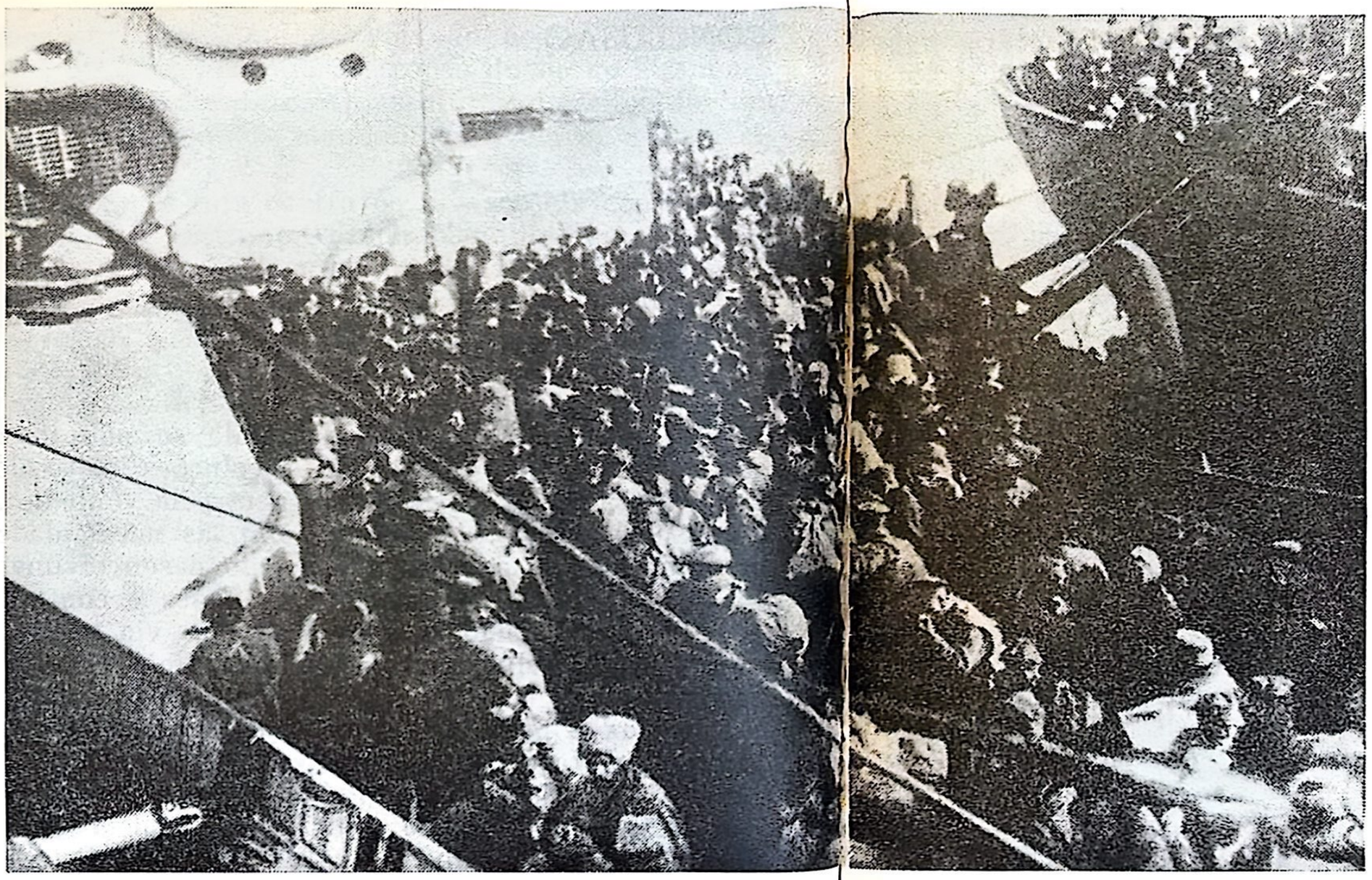
Todavia, a luta contra os invasores e contra-revolucionários continuou ainda bastante tempo em algumas regiões. Só nos fins de 1922 as tropas japonesas foram expulsas do Extermo Oriente e foi libertada a cidade de Vladivostok. Deste modo, só a partir da década de 20 o povo soviético pôde iniciar na prática o trabalho pacífico.

CONCLUSÃO

Não há, praticamente, país onde se não tenha registado uma revolução. As revoluções não eclodem por capricho de ninguém, nem pela vontade de alguns indivíduos. Reflectem, sim, as necessidades amadurecidas e as contradições do desenvolvimento da sociedade. Se estas necessidades e contradições objectivas não se resolvem por via pacífica, surge uma revolução. As experiências históricas demonstram que é este o caminho de desenvolvimento da sociedade humana. Todavia, a revolução depara sempre com a resistência das velhas forças, que impedem a vitória do novo regime e procuram conservar o seu domínio. Do grau de resistência dessas forças depende também o grau de tenacidade da luta.

Assim foi no passado, assim é também na etapa de passagem do capitalismo para o socialismo.

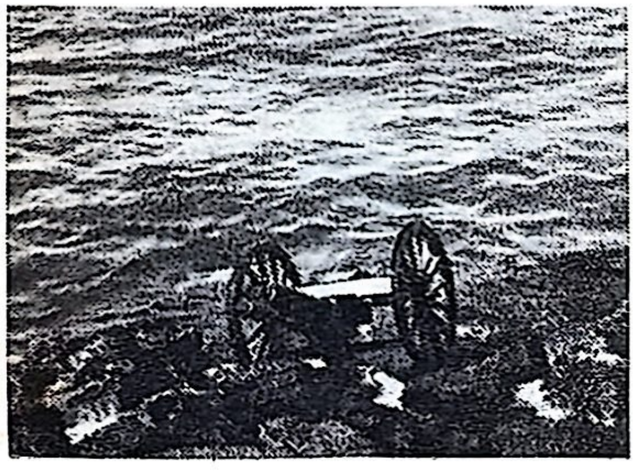
Como diz a teoria e demonstra a prática, esta passagem pode ser concretizada inclusive sem guerra civil. Todavia, a resistência das classes exploradoras é inevitável. Não existe qualquer harmonia classista nem substituição idílica do capitalismo pelo socialismo. A burguesia resiste encarniçadamente; e as formas desta resistência são variadas. Todavia, pode surgir uma correlação de forças num



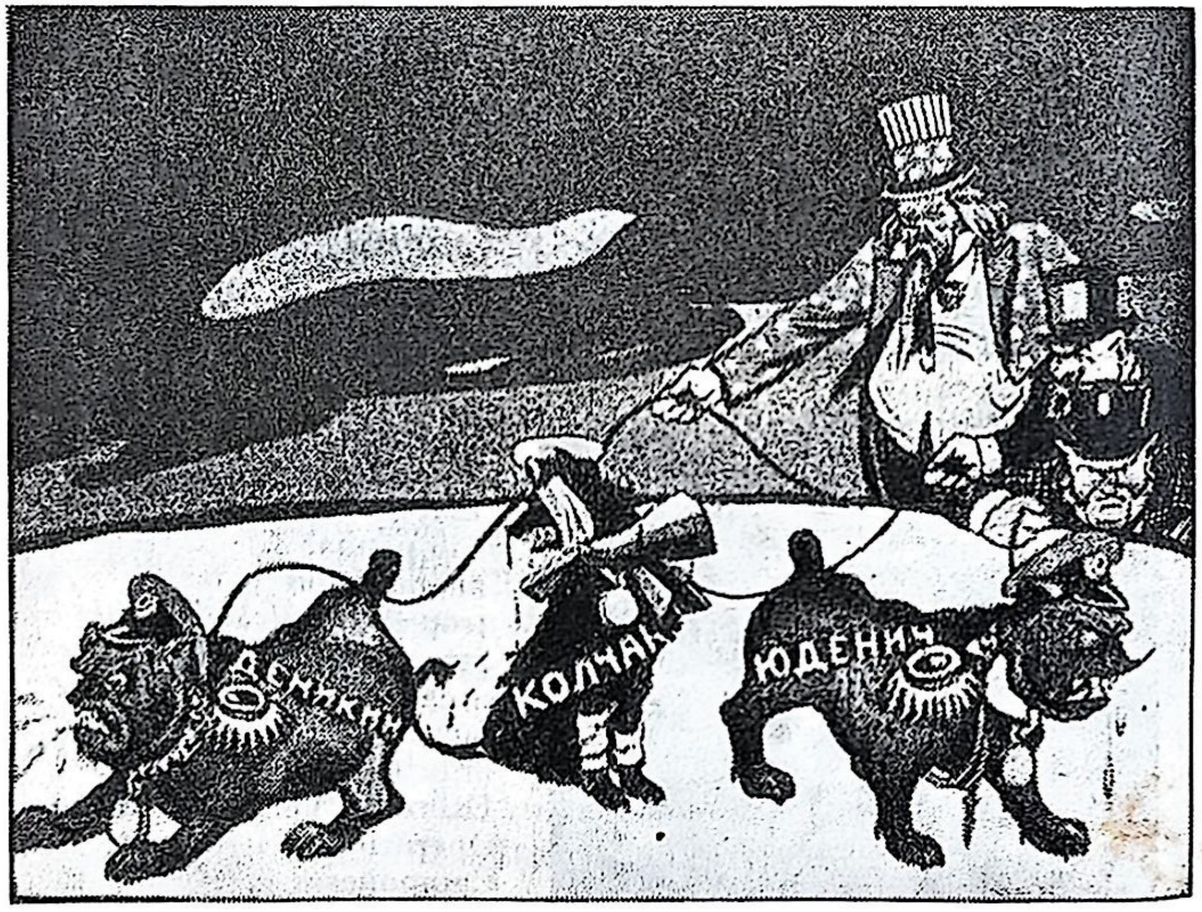
Um fim inglório. Guardas-brancos fogem da Crimeia.

ou noutro país e uma situação internacional (graças, antes de mais nada, ao surgimento e à consolidação do Estado Soviético e do sistema socialista mundial) em que a burguesia seja incapaz de desencadear uma guerra civil.

Na Rússia, devido às circunstâncias já mencionadas, a revolução socialista não foi pacífica. O próprio derrube da burguesia teve lugar pela força, e a posterior luta transformou-se em guerra civil.



Este canhão de campanha, abandonado pelas tropas de Vranguel em retirada, simboliza a capitulação dos guardas-brancos ante o vitorioso Exército Vermelho de Operários e Camponeses.



1918. Os guardas-brancos esforçam-se por tomar Moscovo. Este cartaz diz: «O inimigo quer tomar Moscovo, coração da Rússia Soviética. O inimigo deve ser exterminado. Avante, Camaradas!»

Este cartaz, também de 1919, simboliza o movimento de solidariedade dos trabalhadores do Ocidente: «Tirem as mãos da Rússia Soviética!»

◀ Cartaz exortando à luta contra Iudénitch, com os dizeres «Defendamos Petrogrado!» (1919).

◀ Cartaz ilustrando a «aliança» das tropas invasoras estrangeiras com os «cães» contra-revolucionários Deníkin, Koltchak e Iudénitch.

Todavia, esta guerra adquiriu proporções e tenacidade inéditas apenas devido à ingerência estrangeira. A intervenção estrangeira não tinha quaisquer justificações jurídicas ou morais; foi, sem dúvida, uma acção reaccionária orientada contra o progresso e em defesa do velho e apodrecido regime, uma tentativa de fazer com que a roda da história andasse para trás.

Foi uma grosseira violação da soberania da Rússia, uma descarada ingerência nos seus assuntos internos, um vivo exemplo de «exportação da contra-revolução». A intervenção provocou enormes baixas e vítimas. A enorme destruição das forças produtivas da Rússia, em consequência das acções empreendidas pelos invasores e contra-revolucionários, tornou indispensável toda uma etapa histórica para a reconstrução da economia; essa etapa durou mais de 5 anos.

Deste modo, durante mais de 8 anos, os esforços básicos do povo da Rússia estiveram orientados para a luta contra uma invasão inimiga e a liquidação das suas consequências.

Desnecessário se torna, pois, demonstrar que essa situação entravou e dificultou enormemente a edificação socialista e todo o desenvolvimento do País dos Sovietes.

Ao mesmo tempo, os resultados da guerra civil são instrutivos e importantes: a jovem República dos Sovietes triunfou na luta contra as forças unidas da contra-revolução interna e da reacção internacional.

A tentativa de esmagar, por meios militares, o Estado dos operários e camponeses, liquidar as conquistas da Revolução de Outubro soldou por um total fracasso. E este resultado não é casual. A guerra civil deixou um traço profundo na história do país e na memória do povo soviético, despertando nas massas a consciência da sua força, a certeza da profunda justeza da causa que defenderam numa difícil luta.

ÍNDICE

PORQUE COMEÇOU A CUERRA CIVIL NA RÚSSIA?	7
A INTERVENÇÃO ARMADA ESTRANGEIRA	21
FORÇAS POLÍTICAS DA CONTRA-REVOLUÇÃO	46
NO CAMPO DA REVOLUÇÃO	57
FORMAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS	73
CRIAÇÃO DUMA ECONOMIA DE GUERRA	96
NAS FRENTES E NA RETAGUARDA	102
CONCLUSÃO	119

AMIGO LEITOR!

A Editorial da Agência de Imprensa Nóvosti ficar-lhe-ia imensamente grata se tivesse a bondade de preencher o presente questionário e enviá-lo, indicando sempre o título da obra, para: Editorial APN, Bolchaia Potchtovaia, 7, Moscovo, URSS

1 Qual a sua opinião geral sobre o livro?

2. Qual a sua opinião sobre a qualidade da obra e da tradução?

3. Que lhe parecem a impressão gráfica deste livro?

4. Desde quando lê as publicações da APN?

5. Em que local adquiriu este livro?

6. Quais os aspectos da vida da URSS que gostaria de ver nas publicações da APN?

Profissão Sexo Idade

Se o desejar, indique também o seu nome e morada.

Gratos pela atenção

Юрий Поляков

ГРАЖДАНСКАЯ ВОЙНА В РОССИИ:
ПРИЧИНЫ, СУЩНОСТЬ, ЗНАЧЕНИЕ

на португальском языке

A VERDADE SOBRE A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO E A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO NA URSS

A colecção "A Verdade sobre a Revolução de Outubro e a Construção do Socialismo na URSS" compreende 15 brochuras de divulgação científica escritas por historiadores soviéticos. A redacção geral é do académico I. Minz.

Um largo período é abrangido: das vésperas da Revolução de Outubro na Rússia até aos nossos dias.

A actual séria pretende fornecer ao leitor estrangeiro uma noção das razões que levaram a Rússia à revolução socialista, da marcha e dos objectivos da revolução e da sua importância para o desenvolvimendto dos povos da URSS e de toda a história mundial.

Toda a colecção é ilustrada com fotografias documentais.

Edições da Agência de Imprensa Nóvosti

Edições Progresso

Iuri POLIAKOV (nasc. em 1921) — conhecido historiador soviético, membro correspondente da Academia das Ciências da URSS e professor catedrático. Formou-se na Universidade de Moscovo. Especializou-se na história da Revolução de Outubro, da guerra civil (1918-1920) e dos primeiros anos posteriores à Revolução. I. Poliakov é autor de mais de 200 obras científicas sobre estes problemas; é também co-autor e co-redactor de grandes obras colectivas tais como, por exemplo, "História de Moscovo", "História Mundial" e outras.